

**INSTITUTO MINEIRO DE PSICODRAMA JACOB LEVY MORENO – IMPSI
E FACULDADE METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE**

ISABEL CECÍLIA OLIVEIRA MAGALHÃES

**O LUGAR DAS FAMÍLIAS NUMA INSTITUIÇÃO DE
ATENDIMENTO À PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A
CONTRIBUIÇÃO DO PSICODRAMA**

BELO HORIZONTE

2008

Isabel Cecília Oliveira Magalhães

**O LUGAR DAS FAMÍLIAS NUMA INSTITUIÇÃO DE
ATENDIMENTO À PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A
CONTRIBUIÇÃO DO PSICODRAMA**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Especialização (*Lato Sensu*) em Psicodrama, oferecido pelo Instituto Mineiro de Psicodrama Jacob Levy Moreno – IMPSI, em parceria com a Faculdade Metropolitana de Belo Horizonte, para obtenção do título de Psicodramatista.

Orientadora: Zoé Margarida Chaves Vale

Belo Horizonte

2008

*Dedico este trabalho à minha querida madrinha,
Tia Rosinha, que além do incentivo, me
acompanhou às aulas junto da pequena
Giovana e manteve os bastidores sob controle
para eu realizar a tarefa.*

*Dedico às mães e irmãos da APAE que
atenderam ao meu convite e compuseram o
grupo desta pesquisa.*

Agradeço a Deus pela oportunidade.

Aos meus pais por me ensinarem o valor do estudo e da dedicação.

À minha família Paulo, Beatriz e Giovana pela compreensão nos momentos de ausência.

Era uma mudança inteiramente revolucionária mostrar que, num grupo de cem indivíduos, todo e qualquer participante podia agir como agente terapêutico de um ou outro dos demais componentes do grupo e até do próprio terapeuta...(MORENO, 2003, P. 375)

RESUMO

Esta monografia apresenta os desafios de uma instituição que atende pessoas com deficiência para potencializar a participação das famílias, não só enquanto agentes da educação e reabilitação dos filhos, mas também enquanto atores nas instâncias de decisão e representação da referida associação. Descreve as etapas da pesquisa ação realizada com um grupo de familiares enquanto uma possibilidade de trabalhar em prol da “participação da família”. Além disso, identifica os fatores que favorecem e que dificultam a participação desta família nas instâncias de deliberação da instituição; analisa as concepções e ações da instituição diante da família; desenvolve novas formas de aproximação e parcerias famílias/ instituição e identifica as contribuições que a metodologia sócio-psicodramática pode oferecer para ampliar a participação das famílias na instituição. Acredita que, em conjunto com as famílias da APAE será possível buscar novas respostas para as questões que a nortearam.

Palavras-chave:

Psicodrama, família, pessoa com deficiência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 08

CAPÍTULO 1 - A FAMÍLIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA	15
CAPÍTULO 2 - CONCEITOS DO PSICODRAMA	21
CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA	26
3.1 Socionomia e Métodos Sociodinâmicos	26
3.2 Ciclo Vivencial Psicodramático de Aprendizagem	28
3.3 Fases da Pesquisa	32
3.4 Descrição Sucinta da Proposta dos Encontros	33
3.5 Constituição do Grupo e Descrição dos Sujeitos	34
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.....	36
4.1 Relato dos encontros e respectivos processamentos	36
4.2 O Plano de Ação	85
4.3 Conclusões	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
ANEXOS.....	96

INTRODUÇÃO

Há vários anos, trabalho numa instituição que presta atendimento a pessoas com deficiências¹. Nesse período pude acompanhar grande avanço conceitual acerca das organizações sociais, sua gestão, sua missão, a definição do público alvo, das ações estratégicas. Enquanto profissional, em funções técnica e gerente tenho participado intensamente desse processo de reorganização, onde atores institucionais (pais, amigos, profissionais e pessoas com deficiência) foram envolvidos na criação de novas formas de agir a partir da transformação na maneira de pensar a “deficiência”. Percebo que os conceitos chegam, mas sua concretização às vezes leva tempo, até que são assimilados pelos atores institucionais.

Muitas ações soam como ambivalentes e contraditórias, por exemplo: se temos em nossa missão “ser mediadora de uma sociedade inclusiva”, isso quer dizer que a APAE vai fechar? Na verdade, devemos aprender a construir novas formas de encarar a deficiência e todo o aparato que a envolve.

As instituições afins passaram a se organizar enquanto um movimento social. Dirigentes, pais, profissionais e a própria pessoa com deficiência são chamados a dar sua contribuição em prol da defesa e garantia dos direitos da minoria em questão – pessoa com deficiência. Os movimentos sociais trazem em si não só o fortalecimento da organização social, mas antes disso, o resgate do conceito de cidadania. A nova cidadania brasileira tem avançado para a possibilidade de articular o direito à igualdade

¹ Pessoa com deficiência – De acordo com o Decreto 3.298, de dezembro de 1999, é qualquer pessoa que apresenta perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para desempenho de atividade dentro do padrão considerado normal para o ser humano. A pessoa pode ser portadora de deficiência: física, auditiva, visual, mental ou múltipla.

com o direito à diferença, incorporando subjetividade e a construção de novas identidades dos sujeitos ; estes são vistos como portadores de direitos, não só como cidadãos iguais perante a lei e o Estado, e como sujeitos capazes de construir novos direitos (DAGNINO, 2000 *apud* VALE, M.J., 2005).

Os movimentos sociais vêm desmascarando a sociedade brasileira que, sob o disfarce da cordialidade, encobre as desigualdades sociais nas mais diversas práticas e contextos. Nesse avanço, têm envolvido as diversas categorias historicamente excluídas: mulheres, negros, homossexuais e, por que não: as pessoas com deficiências. Assim, a instituição de atendimento tem buscado se (re)organizar para se tornar parceira e co-responsável pela formação cidadã dos seus usuários. Essa mudança vem exigindo novas propostas gerenciais e metodológicas que têm transformado a motivação voluntária e benevolente dos fundadores numa organização cuja gestão tem si profissionalizado, definindo com clareza sua razão de ser, seu público alvo, seus objetivos, os resultados a alcançar...

A instituição em foco pretende garantir os direitos dos alunos com deficiência e ser mediadora de uma sociedade inclusiva, onde exista respeito pelas diferenças e o reconhecimento da diversidade enquanto fator inerente à condição humana. Vale ressaltar que, em meados da década de 90 do século XX, a instituição teve aprovado e financiado pela CORDE² um projeto de consultoria que deflagrou um processo de reorganização da estrutura funcional tendo como referência a defesa de direitos e os

² Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora e Deficiência criada pela Lei nº 7.853/89.

princípios de normalização e inclusão propostos pela atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional³. Ao final da reorganização, teve implantado um programa de qualidade adaptado à educação especial com vistas a garantir e manter as conquistas de melhoria no atendimento e satisfação dos clientes. Paralelo a este momento, até então isolado da instituição, a FENAPAE⁴ lançou o Projeto Águia com o objetivo de dar unicidade ao movimento das APAEs, respeitando as diferenças regionais. Para tal, capacitou gestores, técnicos e familiares de todo o país. A referida unidade participou de todo o processo e, já mobilizada e sensibilizada pela consultoria anterior, caminhou junto à Federação do Estado de Minas Gerais, responsável pelo projeto no Estado. Percebe-se que o movimento institucional é constante e reflete a necessidade de manter-se atenta às novas demandas dos clientes, à legislação, às novas técnicas e estudos para a educação especial, aos desafios da gestão de pessoas e do financiamento.

Visando melhorar a articulação entre os diversos setores e programas desenvolvidos na unidade, em 2003 foi elaborado um diagnóstico institucional que culminou com a definição do *modelo ecológico* como referência para a organização dos serviços educacionais e de apoio. Desde 2004 tem-se caminhado sob esta concepção de organização onde a escola, a família, a comunidade e a cultura são alguns dos contextos onde está inserido e integrado o aluno e que ele, independente de sua condição pessoal, é reconhecido como cidadão que tem necessidades, desejos e que sofre e provoca interferências nos seus diversos ambientes/ contextos. Num dos

³ Lei nº 9394/ 96

⁴ Federação Nacional das Apaes

encontros de avaliação e acompanhamento com a consultora Georgina Silva, ficou definido que a instituição precisava focar e avançar com o desafio da participação da família e que essa família fosse procurada e escutada para a construção de uma parceria mais ativa, de forma a não só tomar seu lugar de responsável, mas também, os lugares representativos e de decisão dentro dos espaços deliberativos da instituição, como ator social⁵.

Apesar do avanço conceitual, da implantação de metodologias afinadas a uma proposta filosófica inclusivista e a visível clareza de objetivos e de resultados esperados, a família, de um modo geral, permanece no lugar da espera, da passividade e da busca pela assistência no foco individual. Daí, questionamos: Qual o papel da família na instituição? Qual a posição que a família ocupa nessa instituição? Como transformá-la num ator social? Até que ponto a instituição tem estimulado ou inibido a participação dessas famílias?

Ao exercer função gerencial na área clínica da Instituição há três anos, tenho mantido contato indireto ou ocasional com pais e responsáveis no decorrer dos diversos processos institucionais. Nesta condição percebo que há esforço da parte dos profissionais técnicos em envolver as famílias no processo de reabilitação dos filhos e que os resultados são diferenciados, se considerarmos a resposta dada pela família. Assim, acredito que, quando convocadas e capacitadas para participar ativamente do

⁵ Ator social – Pessoa conhecedora dos seus direitos e deveres enquanto cidadão e que se engaja em defesa das causas públicas e sociais ocupando lugares representativos de um determinado grupo ou organização da sociedade civil.

processo de reabilitação dos filhos e a participar das instâncias de decisão institucionais, as famílias podem se tornar eficazes, questionadoras e solidárias.

A instituição enquanto movimento social mobiliza e estimula a participação de pais, amigos, profissionais e das próprias pessoas com deficiência enquanto capazes de defender seus direitos de cidadania. No processo de transformação institucional, pode o Psicodrama Sócio-Organizacional trazer uma melhor compreensão e atuação da família? Quais papéis essa família pode desempenhar? Como construir uma forma criativa e inovadora de participação da família junto à instituição? Como favorecer a mudança de papéis da família? A instituição enquanto prestadora de serviços está realmente disposta a definir ações que privilegiam a escuta acolhedora da família? Consegue criar um espaço de comunicação onde os usuários serão os principais beneficiados? A família consegue superar sua dor e unir-se a outros em prol de conquistas coletivas e sociais?

Sendo assim, essa pesquisa foi vislumbrada no Plano de Ação da instituição para 2006, como uma primeira investigação das possibilidades de se trabalhar em prol da *“participação da família na instituição”*. Assim, definimos nosso campo de pesquisa e estabelecemos como objetivos específicos: Identificar os fatores que favorecem e que dificultam a participação da família nas instâncias de deliberação da instituição; analisar as concepções e ações da instituição diante da família; desenvolver novas formas de aproximação e parcerias entre famílias e instituição; identificar as contribuições que a metodologia sócio-psicodramática pode oferecer para ampliar a participação das famílias e para incentivar a formação de lideranças familiares junto à instituição.

Enquanto subgrupo de um grupo institucional, a família poderá se transformar em agente de ações que venham contribuir para a inclusão social das pessoas com deficiências? Que relações acontecem na evolução dessa família, enquanto grupo social, que podem favorecer essa transformação? Que novos papéis ela poderá desenvolver?

Acreditamos que, em conjunto com as famílias da APAE, buscar respostas a estas questões, promover a participação das famílias no movimento das instituições afins e garantir sua intervenção bem como da própria pessoa com deficiência em seu processo de educação, reabilitação e inclusão social significa, sem dúvida, uma proposta desafiante.

Para atingir os objetivos apresentados e responder às questões acima levantadas, foi feita uma intervenção junto à Instituição com um grupo de 15 mulheres com vínculos familiares com os alunos matriculados nos diversos programas da APAE. Para isso, realizamos uma pesquisa empírica de campo, pautada nos princípios da pesquisa ação e enfatizamos a abordagem qualitativa visto que, foi possível analisarmos os dados coletados à luz das teorias abordadas ao longo desse trabalho.

No primeiro capítulo trazemos teorias relacionadas à família de pessoas com deficiências; no segundo abordamos conceitos do Psicodrama, que se referem à família (matriz de identidade, papéis e vínculos); já no terceiro capítulo, apresentamos a Metodologia subdividida em cinco subseções; e no quarto capítulo encontramos a

apresentação dos dados, suas respectivas análises e informações sobre o Plano de Ação para Implementar a Parceria com a Família. Para encerrarmos, foram feitas as considerações finais das principais reflexões suscitadas por esta monografia.

Após a análise dos dados concluímos que, embora desde o início as participantes tenham apresentado disponibilidade e crença na participação das famílias nas instâncias de deliberação da instituição, a forma de realizar esta participação precisa ser construída por meio da criação de espaços de real escuta e envolvimento da família, o que implica, inclusive, buscar pela participação efetiva de outros membros das famílias, especialmente os pais, que tendem a ficar à margem do processo.

1 A FAMÍLIA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Segundo Barbosa (2003), Moreno em vários momentos de sua obra, ressalta a importância da família. Aponta que ao nascer o indivíduo passa a fazer parte de um grupo onde aprenderá as primeiras pautas de interação social, da aprendizagem de papéis e da aprendizagem emocional.

A família é a célula da sociedade. Esta afirmativa nos remete à representação social da família enquanto grupo primário que influencia e sofre influências de outras pessoas e instituições. Membros de uma família compartilham características herdadas por seus ascendentes e é unida por vínculos capazes de manter os membros moral, material reciprocamente durante toda a vida e durante gerações.

Minuchin (1990) define a família como um conjunto invisível de exigências funcionais que organizam a interação de seus membros e que traz em seu interior diferentes níveis de poder e de reciprocidade, onde os comportamentos de um membro são influenciados e influenciam os demais. Para ele, a família se difere culturalmente, mas enquanto unidade social, universalmente possui as mesmas características.

Os membros de uma família têm papéis a desempenhar como marido/ pai, esposa/ mãe, filho, irmã/ão e assim por diante, ativando diferentes dimensões de relacionamento próximo e de interação social, de acordo com demandas culturais e das diferentes gerações.

A chegada de um novo membro, a morte ou partida de alguém alteram a constituição da família e seu funcionamento, podendo levá-la a amadurecer e adequar-se à nova forma. Esses ajustes nem sempre são fáceis, pois exigem nova organização e mudanças nas responsabilidades, que podem levar ao desgaste das relações e da interdependência dos papéis sociais familiares e a mudanças nos planos de vida.

Diante da chegada de um novo membro, os pais já amam e se preparam para receber um filho que irá corresponder aos seus sonhos, aos seus projetos, para ocupar um “lugar” importante naquele grupo familiar.

O que acontece quando o filho não corresponde à expectativa familiar? O que acontece quando a criança já nasce com alguma deficiência? As reações variam, mas em geral há um sentimento de tristeza e de perda. Perda do filho sadio e idealizado.

Segundo Regen (2001), são várias as fases e reações pelas quais os pais passam, pois há alguns sentimentos comuns no momento do nascimento do/da filho/a ou quando se recebe a notícia de uma deficiência. Newcomb citada por Regen (2001) apresenta as fases mais comuns: parte da necessidade inicial de apoio para superar a perda do filho idealizado, e avança à medida que melhora a percepção real da criança, suas necessidades e o conhecimento mútuo, que tendem a tornar os pais superprotetores. As dúvidas quanto à evolução dos filhos é uma fase que promove críticas e ambivalentes percepções quanto aos atendimentos e à dedicação. Muitos pais buscam parcerias e começam a ensinar, a fazer novas adaptações e “reconhecem que tristezas e frustrações são sentimentos normais, conseguem expressar alegria frente a

conquistas dos filhos e trocar experiências com outros pais” (REGEN in NEWCOMB, 2001 p.157). Descubrem novas formas de educar.

Educar uma criança com deficiência exige dos pais um esforço maior, pois é preciso superar sentimentos negativos, culpas e medos para não superestimar suas capacidades provocando sensação de fracasso, frustração, ansiedade nem subestimar as capacidades do filho passando-lhe a imagem de “coitadinho” que precisa de ajuda para tudo e para sempre.

Não é preciso que os pais sejam perfeitos, eles apenas devem ser atentos, sensíveis e humanos. (BUSCAGLIA, *apud* REGEN, 2001,p 158)

Quando os pais buscam uma instituição para re/habilitar, educar seu filho com deficiência, nem sempre são informados da importância de sua participação no processo educacional do mesmo. Como consequência, posteriormente os profissionais queixam da falta de interesse e envolvimento da família. Os pais que se envolvem, quando apresentam alguma crítica ou sugestão, nem sempre veem essa atitude recebida pelos profissionais como algo positivo. Disso pode-se observar conflitos sutis ou abertos entre os pais e os profissionais/ instituição.

Apesar das políticas educacionais atuais defenderem a inclusão escolar das pessoas com deficiência, o principal objetivo do processo educacional, que deveria ser a autonomia e independência – promotores da inclusão social – pouco são contempladas pelos profissionais e pelos pais.

Cabe à instituição que acolhe essa família e sua criança a tarefa de informa-lhes que esta fora criada por familiares de pessoas com deficiências como ela; reconhecer que é difícil chegar ali (assumir a deficiência do filho) e que, o diálogo entre a família e a instituição – através dos profissionais e dirigentes – é fundamental para o encontro ou criação de alternativas de intervenção e desenvolvimento.

A democratização das informações (REGEN, 2001), o saber ouvir, a divulgação dos critérios de atendimento, o esclarecimento quanto ao papel dos pais no processo educativo, são atitudes necessárias e éticas, que promovem e resgatam a cidadania dessa camada culturalmente excluída.

O Estatuto das APAEs prevê a participação de pais entre os membros da diretoria executiva e conselhos administrativos e fiscais e, são considerados sócios – com direitos a voz e voto – nas assembleias independente de contribuição financeira. No entanto, há uma constante indagação a respeito da participação das famílias. Como atingi-las? Como envolvê-las? Há questões históricas ligadas aos modelos de atendimento, menos valia e baixa estima devido ao pouco estudo e às condições econômicas módicas, preconceito social e político.

Para quaisquer atividades propostas para as famílias, a maioria dos participantes são as mães. As justificativas para isso variam desde os horários de trabalho dos pais; da responsabilidade pelo acompanhamento ser da mãe; de não ter com quem deixar os filhos para que possam comparecer à instituição regularmente e outras.

As mães e acompanhantes que permanecem na instituição durante o horário escolar, aguardando o filho, são as que muito solicitam em ocupação mas que nem sempre atendem quando há alguma proposta. Também é difícil contemplar ações que despertem o interesse e envolvimento de todas devido à diversidade de idades, condições sociais, habilidades, interesses.

Vários trabalhos já foram implementados juntos às famílias da instituição em foco. Entretanto, apesar dos bons resultados de vários deles, há uma tendência a serem interrompidos ou substituídos sem que se tenha uma ação de continuidade ou aprimoramento. Houve época em que a participação dos pais nos grupos com psicólogos ou assistentes sociais era condição para o atendimento dos filhos; noutros, era obrigatória a participação nos cursos do Clube de Mães para permanecer no espaço da instituição; os cursos promovidos por voluntários para capacitação e geração de rendas, aos poucos foram se esvaziando. Outra questão é a reduzida carga horária dos profissionais para as tarefas que, infelizmente não conseguem priorizar o atendimento sistemático da família. Contudo, as famílias nunca deixaram de ser atendidas. O Serviço Social é a referência para o trabalho com as mesmas; os profissionais técnicos têm como princípio envolver os pais no processo de reabilitação dos filhos; as visitas domiciliares e o programa de inclusão familiar são estratégias que envolvem ação direta no ambiente familiar; as psicólogas têm horários reservados para acompanhamento e orientação psicológica.

Os problemas financeiros da instituição e as mudanças nas orientações educacionais são momentos em que as famílias são chamadas para tomar ciência e contribuir para adequações nas estratégias. Mas, isso não acontece regularmente.

Desta forma nossa proposta não é criar mais um espaço de “atendimento”, mas busca compreender os motivos das famílias permanecerem muitas vezes ainda no lugar da espera, assim como investigar com os representantes das famílias as possibilidades de uma parceria mais ativa, para que assumam seus lugares como atores sociais, de representação e de decisão nos espaços deliberativos da instituição.

2 CONCEITOS DO PSICODRAMA

O Psicodrama foi estruturado a partir das experiências de Jacob Levy Moreno com o Teatro da Espontaneidade, em 1921, em Viena, Austria. Moreno, após sua emigração para os Estados Unidos, em 1925, criou a Sociometria, teoria das relações interpessoais e métodos de diagnóstico e pesquisa-ação em grupo, que fundamentaram a psicoterapia de grupo psicodramática e a educação pela espontaneidade.

Para Moreno (2003) tudo começa com a Matriz de Identidade que é a placenta social da criança. A criança depende desta “placenta social” onde assimila e desenvolve os papéis que desempenhará na relação com o mundo, garantindo a proteção e a direção do seu desenvolvimento. Desde o nascimento o bebê defronta-se com situações que dele exigem respostas. A essa resposta do indivíduo a uma nova situação e à nova resposta a uma antiga situação, chamamos espontaneidade.

A espontaneidade (e) é um fator que habilita o indivíduo a superar-se a si mesmo, a entrar em novas situações. O fator **e** é o terreno donde surgirá mais tarde a matriz espontânea e criadora da personalidade.

Para Moreno (2003), toda relação é uma dupla relação que envolve mais uma ação cooperativa do que padrões de comportamento individual, separados entre si. Essa coexistência, co-ação e co-experiência que são características da *matriz de identidade*.

As relações iniciais que fundam a Matriz de Identidade, normalmente acontecem entre os membros da família, que é o grupo original de construção das identidades. É a ela que Moreno se refere quando diz dos primeiros papéis da Matriz de Identidade, o vínculo entre a mãe e o bebê. Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança.

Matriz de identidade é, portanto, o lugar (*lócus*) onde a criança se insere desde o nascimento, relacionando-se com objetos e pessoas dentro de um determinado clima e estabelecendo vínculos. O desenvolvimento do recém-nascido dar-se-á nesse lócus. (MORENO, 2003)

Segundo Moreno (2003) o papel pode ser definido como uma pessoa imaginária criada por um autor dramático (Hamlet), como uma personagem ou função assumida na realidade social (policia) e, finalmente como as formas reais e tangíveis que o eu adota. O papel é uma cristalização final de todas as situações numa área especial de operações pelas quais o indivíduo passou (por exemplo: o comedor, o marido, o delegado).

O papel é o mais importante fator individual na determinação da atmosfera cultural da personalidade. Os aspectos tangíveis do que é conhecido como "ego" são os papéis em que este opera... Consideramos os papéis e as relações entre os papéis como o mais importante produto dentro de qualquer cultura específica (MORENO, 2003, p. 214).

Numa perspectiva dinâmica, o primeiro dos papéis é o vínculo. Sem o vínculo com a mãe, o filho não estabelece o papel de filho. Mas, em relação a esse vínculo estruturante de um papel, que por sua vez estrutura os rudimentos do ego, não há registro. O reconhecimento é gradual e vai dando lugar à consciência de vínculo como aquilo que me une e me separa do outro (BUSTOS, 1990).

Segundo Bustos (1990) à medida que a criança toma consciência de que há outro além de si e do primeiro vínculo, surge a possibilidade de criar outras combinações de onde ficam configurados os dois *clusters*⁶ assimétricos centrais: o primeiro de funções passivas incorporativas, dependentes, vinculado ao papel gerador mãe, e o segundo, ativo e penetrante, ligado ao papel gerador pai. O terceiro vínculo gerador é simétrico, o papel de irmão – substituível pelo papel de amigos - gerador das experiências de intercâmbio no mesmo nível, tanto de amizade, parceria como de competição, disputa e rivalidade.

A partir dos conceitos de papel e vínculo podemos chegar a compreender cada ser humano como parte de uma rede vincular que Moreno chama de *átomo social*, conjunto de vínculos em relação direta. Por extensão se refere, também, a pessoas com quem não tem um contato direto, mas que pertencem a um contexto próximo. Este contexto se chama *rede sociométrica* e sua extensão se denomina expansividade sociométrica.

A compreensão correta da rede vincular de uma pessoa nos revela aspectos importantes de seu comportamento. Moreno nos propõe um tipo de pensamento onde considera que ninguém “é” de determinada maneira, mas que, dentro de certas variáveis, *vai sendo* de acordo com o conjunto de estímulos estabelecidos na rede vincular em que está incluído.

⁶ Papéis que se agrupam relacionados, em sua dinâmica, às funções materna, paterna e fraterna.

O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo que com uma só pessoa; através da relação com essa pessoa, repete-se uma história de vínculos determinados, em um tempo e espaço determinados. (BUSTOS, 1990).

Na matriz de identidade formamos a identidade dos nossos vínculos, não apenas a nossa (NERY, 2003). O aprendizado emocional resulta, pois, na nossa modalidade vincular afetiva com o mundo, que se constituirá no modo peculiar de desempenho dos nossos papéis em cada vínculo. O estabelecimento de um vínculo pressupõe a intersubjetividade, a intersique, a troca de conteúdos conscientes e inconscientes que acontece quando dois ou mais indivíduos vivem numa realidade mais profunda em que seus estados inconscientes estão interligados e estes desempenham um grande papel na vida de pessoas intimamente associadas por vínculos familiares, de trabalho, de congregação.

Um estado co-consciente ou co-inconsciente não pode ser propriedade de um único indivíduo. É sempre uma propriedade comum e sua representação é impossível sem um esforço combinado pois, ambos são a matriz donde promana sua inspiração e seu conhecimento (MORENO, 2003, p. 30).

Podemos definir vínculo como o resultado do fenômeno *tele*, relação afetiva recíproca e espontânea, que ocorre entre as pessoas, que viabiliza a complementaridade de papéis sociais repercutindo nos estados co-consciente e co-inconsciente. Estes estados se referem a um padrão relacional que ocorre no vínculo e que é co-construídos pelos parceiros. Finalmente, todo vínculo está imbuído da contradição de ter características permanentes que lhe dão uma identidade e uma dinâmica próprias, além de transformar-se constantemente.

Quando tomamos a situação da criança com deficiência, que tem alterada sua percepção e ação/ reação diante dos estímulos, diante do mundo que a circunda, verificamos que a tendência é que a mãe/ cuidadora tende a suprir suas necessidades a partir de sua própria percepção, mantendo o estado de indiferenciação da matriz de identidade, uma vez que a resposta da criança não é satisfatória ou até inexistente. Esta situação irá prejudicar o desenvolvimento da espontaneidade, das percepções intrapsíquicas e, conseqüentemente no amadurecimento emocional e social da criança, implicando numa cristalização nos papéis de mãe superprotetora / filho dependente.

No processo de educação/ reabilitação das pessoas com deficiências precisamos considerar a possibilidade de promover a busca por novas respostas aos inúmeros problemas de ordem pessoal, familiar, social que envolvem a questão. A família é tomada como a principal responsável por este processo.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada numa abordagem qualitativa, do tipo pesquisa-ação ao considerar que o objetivo deste estudo é conhecer o lugar das famílias na instituição de atendimento à pessoa com deficiência e intervir para favorecer seu posicionamento enquanto agentes de transformação, enquanto atores sociais. Por isso, a pesquisa-ação se apresentou como o tipo de pesquisa de campo mais adequado porque seu “alvo é a conscientização do grupo para uma ação conjunta em busca de sua emancipação” (BARBIER,1985) em busca de melhoria e porque envolve a elaboração de um plano de ação que favorecerá o engajamento dos participantes com a mudança. Esse processo pode ser também chamado de pesquisa-intervenção ou pesquisa-ação participante.

3.1 Socionomia e Métodos Sóciodinâmicos

Moreno sempre teve um olhar preferencial para os marginalizados e para os grupos. Via no trabalho com os grupos a possibilidade de desencadear mudanças sociais significativas e, conseqüentemente em seus membros a partir da compreensão das relações e da solução dos problemas grupais. Nesse contexto, Moreno propôs o estudo das leis sociais que regem o comportamento social e grupal: a *Socionomia*.

A Socionomia (VALE, 2003) pode ser compreendida a partir de três grandes áreas:a Sociodinâmica que procura compreender a estrutura dos grupos, seu funcionamento, isto

é, qual a dinâmica das relações interpessoais ali estabelecidas. A Sociometria que investiga o desenvolvimento e organização dos grupos, que estuda as relações entre as pessoas, as tendências sociais dentro dos grupos e que tem métodos para medir o relacionamento humano. A terceira divisão é a Sociatria que busca tratar os sistemas sociais a partir da intervenção terapêutica das relações sociais.

Cada uma dessas áreas tem seus métodos de intervenção. Algumas de suas propostas, ao longo dos anos, foram assimiladas e são utilizadas no campo das ciências humanas. Diversos pesquisadores ampliaram suas práticas e reflexões, baseando-se em várias linhas de pensamento.

O termo “Psicodrama” se tornou mais conhecido e divulgado, no sentido de “toda aplicação regulada da dramatização, utilizada com certa ordem técnica”, com diferentes modalidades operacionais de aplicação: investigação, aprendizado, treinamento e compreensão com fins terapêuticos (MENEGAZZO 1992). Por isso utilizamos neste documento o termo Psicodrama, com “P” maiúsculo, indicando esta visão global da teoria e metodologia sicionômicas de Moreno, diferenciando de psicodrama, com “p” minúsculo, que indica um dos métodos sicionômicos.

Em nossa pesquisa-ação trabalhamos com os métodos sociodinâmicos que visam aprendizagem, desenvolvimento dos papéis sociais e dos grupos e procuramos dar ênfase aos métodos apropriados para intervenção sócio-educacional das relações

intergrupais, para esclarecer questões coletivas ligadas aos valores, objetivos, ideologias, papéis, temores e defesas comuns ao grupo de familiares em questão.

O foco é o grupo que precisa de apoio para superar as dificuldades que enfrenta e se potencializar para a busca de soluções que promovam seu crescimento e a realização dos seus desejos e objetivos. Buscamos focar as intervenções no grupo e não nas questões individuais, como no psicodrama psicoterapêutico. De modo geral, surgem temas protagônicos, que expressam principalmente os aspectos e questões relevantes para o grupo e a coletividade.

Para o Sociodrama o sujeito é o grupo que precisa de apoio para superar as dificuldades que enfrentam e se potencializar para a busca de soluções que promovam seu crescimento e a realização dos seus desejos e objetivos. No Sociodrama o diretor vai focar suas intervenções no grupo, e não nas questões individuais como no Psicodrama; trabalha-se os aspectos e questões do grupo e da coletividade.

Ao ter por sujeito dessa pesquisa um grupo de familiares (mães e irmãs) de pessoas com deficiências matriculadas nos programas da Instituição, vislumbramos experiências positivas de intervenções pautadas nos princípios socionômicos, como possibilidade de refletir as questões pertinentes a essa população, bem como de resgatar à família seu papel de protagonista das ações institucionais.

3.2 Ciclo Vivencial Psicodramático de Aprendizagem

Considerando que a proposta da pesquisa-ação era de natureza sócio-educacional e de desenvolvimento, buscamos seguir para o planejamento dos encontros e vivências, o modelo de Vale (2005), denominado *Ciclo Vivencial Psicodramático de Aprendizagem* (CVPA), pautada em princípios do Psicodrama, em particular da Metodologia Educacional Psicodramática, de Maria Alicia Romaña⁷; da Dinâmica de Grupo de Kurt Lewin⁸; do Laboratório de Desenvolvimento de Fela Moscovici⁹.

Este modelo acrescenta à seqüência da prática psicodramática clássica – aquecimento inespecífico, aquecimento específico, dramatização e compartilhamento - novas etapas, visando maior assimilação e transferência da aprendizagem.

Após o compartilhamento, há uma etapa de processamento ou análise das experiências vividas e elaboração do tema proposto, e outra etapa de conexão ou aplicação do vivido ao desempenho do papel social em questão, no contexto social externo.

A autora também sugere uma sub-divisão da etapa do aquecimento:

- a) *aquecimento de chegada* quando se dá o acolhimento dos participantes;

⁷ Pedagoga argentina radicada no Brasil iniciadora da prática pedagógica do Psicodrama na Argentina e no Brasil. Professora e supervisora da Associação Brasileira de Psicodrama e Sociodrama; coordenadora do Núcleo de Estudos do 3º Setor e Educação da referida associação.

⁸ Psicólogo que deixou importante herança para as Ciências do Comportamento. Orientou e inspirou a maior parte dos pesquisadores dedicados à Administração e à Psicologia Industrial. Influenciou a introdução da Gestalt nas universidades americanas e transformou a Psicologia Social numa ciência experimental.

⁹ Psicóloga brasileira, especialista em dimensão comportamental dos processos de mudança organizacional. Fundadora e Didata Mestra da Sociedade Brasileira de Dinâmica de Grupos.

- b) *aquecimento sociométrico ou grupal* que permite o reconhecimento do grupo aqui e agora e prepara os presentes para a interação: com quem, hoje, vou interagir, representar, compartilhar;
- c) *aquecimento do corpo-no-espaco* que promove a tomada de consciência da sua disposição para a atividade através do reconhecimento do espaço físico, interpessoal e grupal e preparação do corpo para a ação;
- d) *aquecimento para o tema ou tarefa* quando dá-se a entrada no tema a ser trabalhado através de atividades que busquem por imagens, lembranças de cena relativas ao tema.
- e) *fase de ação dramática* corresponde à “*atividade*” que inclui o psicodrama clássico e outros métodos sócio-psicodramáticos: sociodrama, jogos dramáticos, teatro espontâneo, jogos sociométricos além de atividades não dramáticas como exercícios de comunicação verbal e não-verbal com uso de objetos intermediários ou desenho. Esta fase faz emergir algo “real” seja revivência do passado seja como vivência espontânea no aqui e agora.
- f) passa-se à etapa do *compartilhamento*: quando os participantes podem expressar livre e espontaneamente seus sentimentos, opiniões e percepções, sem a função racionalizadora do julgamento crítico.

Após o compartilhamento, há uma etapa de *processamento* ou análise das experiências vividas e elaboração do tema proposto, e outra etapa de *conexão* ou aplicação do vivido ao desempenho do papel social em questão, no contexto social externo. O *processamento sociodinâmico* analisa os fenômenos e processos ocorridos entre as pessoas no grupo, como a comunicação, o fluxo de poder e liderança, as modalidades

de participação e exame da estrutura sociométrica – “o movimento sócio-afetivo” de aproximação, afastamento, agrupamentos e reorganização do grupo. O processamento *temático* dá ênfase ao conteúdo planejado, assim como aos temas que emergem espontaneamente do processo grupal. Como é um ciclo, as fases podem ser utilizadas numa ordem que favoreça o alcance dos objetivos do trabalho.

No transcorrer das atividades propostas nos ciclos¹⁰ de cada encontro, a pesquisadora fez uso das técnicas básicas do psicodrama com destaque para:

- a) *duplo*: quando o ego-auxiliar adota a postura corporal do protagonista e, assumindo seu papel na cena, expressa questões, perguntas, sentimentos e idéias, possibilitando seu insight;
- b) *solilóquio*: é utilizado para expressar aspectos intrapessoais ocultos no diálogo mas que o sujeito “pensa e sente” enquanto está na ação. Ocorre quando o próprio protagonista ou membro do grupo expressa sentimentos e pensamentos ocultos que está tendo realmente aqui e agora e/ou referente à situação revivenciada na ação dramática;
- c) *inversão de papéis*, que consiste em o protagonista assumir o papel do outro com o qual está contracenando e este assumir o seu papel, um se colocando no lugar do outro.

3.3 Fases da Pesquisa

¹⁰ Para cada encontro foi elaborado um ciclo que se encontram nos anexos.

A parte prática do trabalho aconteceu em três fases: Na primeira fase foi feita a divulgação do trabalho, por meio de convites individuais às famílias, pelo mural da instituição escolhida. Ainda nessa fase foram recebidas as inscrições. Na segunda fase foi realizado o plano de intervenção com as famílias: “*Eu, minha família e a APAE*”, que se desenvolveu em seis encontros quinzenais, com duração de aproximadamente três horas, durante os meses de outubro e novembro de 2006.

O título “Eu, Minha Família e a APAE” foi escolhido por acreditarmos que qualquer mudança, qualquer transformação na realidade, acontece a partir da tomada de consciência individual. Conhecer seus receios, sua forma de si ver no mundo e de interagir nos diversos ambientes. Também, por sabermos que, uma das características das famílias com pessoas com deficiências é a alteração em sua dinâmica. Isto é, que devido à situação de maior dependência de um de seus membros existe a tendência de designar entre os demais, um cuidador.

A família se organiza de forma a manter-se o mais estável possível, sem considerar muitas vezes a restrição de papéis e oportunidades justificadas na manutenção dessa ordem construída. Por estarem essas famílias envolvidas na instituição APAE, mesmo sem ter clareza de sua importância e que a oportunidade do encontro entre elas pode levar a mudanças a partir da tomada de consciência que não se está só e que, unidos pela dor e pela amizade pode-se criar ideais comuns de satisfação e engajamento.

Por tudo isso, e com a expectativa que as participantes despertem em si a crença que participar do trabalho pode fazer diferença em sua vida, em sua família e em sua

comunidade/ instituição descobrindo um lugar de agente transformador, foi dado esse título à intervenção realizada.

A terceira fase iniciou-se na parte final do último encontro, quando foram levantados aspectos para elaboração de um plano de ação que seria encaminhado à Diretoria da Instituição para concretizar a disposição daquele grupo em contribuir para a transformação institucional.

Os encontros realizados com o grupo foram gravados e transcritos. No relato dos encontros as participantes são identificadas através de pseudônimos para preservá-las e garantir o sigilo. Todas autorizaram a publicação das informações para fins acadêmicos e de pesquisas.

3.4 Descrição sucinta da proposta de cada encontro

O primeiro encontro teve como objetivo a apresentação da proposta e o estabelecimento do contrato, no qual constava a disponibilidade para participar, sobre o sigilo de suas identidades, entre outros. Após este momento, foi proposta uma reflexão sobre a importância da família nos espaços institucionais.

No segundo encontro aconteceu a apresentação das participantes do grupo, no qual pudemos identificar as representações sociais da pessoa com deficiência e de sua família para refletirmos sobre os papéis dos membros da família de uma pessoa com deficiência.

O terceiro encontro teve como objetivos favorecer as interações grupais e ressignificar os papéis familiares.

No quarto encontro pudemos refletir sobre a construção da cidadania ativa; favorecer a compreensão da organização social; e, favorecer as interações grupais.

O quinto encontro teve como objetivos favorecer o conhecimento da instituição e identificar as possibilidades de parceria família/ instituição.

No sexto encontro pode-se analisar a evolução do conceito de participação da família para iniciar a elaboração de um Plano de Ação que favoreça a parceria família/ instituição e avaliar a participação deste processo de intervenção.

3.5 Constituição do grupo e descrição dos sujeitos

O processo de amostragem se deu pela condição de ter um parente matriculado em um dos programas da Instituição e a amostra foi composta por quinze participantes. O grupo foi constituído somente por mulheres – treze mães e duas irmãs, na faixa etária de 20 a 58 anos. Dessas, sete são acompanhantes que permanecem todo o turno escolar aguardando o filho/ irmão. As demais vieram à Instituição especialmente para os encontros. O grupo esteve aberto até o segundo encontro e manteve-se até o final com uma média de 13 participantes. Dois encontros tiveram 10 pessoas que foi a menor frequência.

Síntese das características do grupo¹¹

Idade	20 a 25	26 a 30	31 a 40	41 a 50	Mais de 50
	2	3	4	3	3
Escolaridade	1ª série	4ª série	E. Fund.	E. Médio	Superior
	3	5	3	3	1
Pessoas na Família	Duas	3 a 5	6 a 8	Mais de 8	X
	0	10	5	0	
Idade filho	0 a 6	7 a 10	11 a 14	15 a 18	Mais de 18
	6	1	0	5	3

Ao considerar os dados podemos concluir que o grupo apresentou faixa etária variada porém, com preponderância para a faixa etária com mais de 30 anos. A escolaridade concentrou-se abaixo do ensino fundamental. No entanto, uma possui curso superior. Quanto à idade do parente matriculado na instituição, nota-se a ausência de participantes com filhos na faixa etária de 11 a 14 anos e, apenas uma pessoa com filho na faixa etária de 7 a 10 anos. As demais faixas etárias contemplam equilibrado número de participantes. O número de pessoas de membros das famílias varia de 3 a 8 pessoas e, em relação ao gênero, compareceram apenas mulheres. Esta amostra foi considerada significativa uma vez que refletiu as características mais comuns encontradas nas atividades institucionais que buscam pela participação da família, principalmente, quanto à presença feminina.

¹¹ Dados da Ficha de Inscrição

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A seguir apresentaremos, para cada encontro, um quadro com o planejamento específico: objetivos, principais métodos sócio-psicodramáticos utilizados e conteúdos abordados. Logo após, serão desenvolvidas as análises e interpretações dos principais dados coletados nos encontros realizados. Sugerimos a consulta dos roteiros completos de cada encontro nos anexos indicados.

4.1 Relato, análise e interpretação dos seis encontros

1º Encontro - Vide anexo 2

Objetivos	Métodos utilizados	Conteúdos trabalhados
Apresentar a proposta de trabalho; Apresentar a metodologia; Estabelecer contrato; Refletir sobre a importância da família nos espaços institucionais.	Jogos sociométricos Trabalhos em grupos	Concepções filosóficas do Movimento Apaeano: a instituição enquanto movimento social; a participação da família.

Apresentada a proposta de trabalho e estabelecido o contrato para participação, a diretora/ pesquisadora propôs atividades que favorecessem a reflexão e discussão relacionadas ao tema participação da família e aos conceitos fundamentais para compreensão da instituição enquanto movimento social. As participantes estiveram ativas durante os jogos sociométricos e nas discussões em grupos. Destacaremos

agora as palavras utilizadas para o aquecimento e os respectivos comentários feitos pelas duplas:

Participação: *“Aprendizado de mão dupla, participação em eventos e em outros para descobrir os sentimentos e as coisas que precisamos saber para ajudar nossos filhos. Eu participo em tudo que posso. Ajudo sempre”* (Ilda e Rosa).

Família: *“Se a família não ajuda, não constrói. A família contribui no tratamento com a instituição”* (Geralda e Rita).

Sentimento: *“Desde que entro aqui, o sentimento é diferente. Sou manteiga derretida aqui dentro. É gratificante ver o desenvolvimento dos meninos”* (Darci e Gisele).

Deficiente: *“Será que só nossos filhos são deficientes? A instituição mostra as possibilidades e não a deficiência”* (Eliza e Rosilene).

Compromisso: *“É coloca-la em prática, não só no discurso”* (Tereza e Da Cruz).

Em seguida as duplas compuseram grupos para discutir frases retiradas do livro Ciclo de Debates (1997) da FENAPAE no capítulo que apresenta a discussão sobre a família no movimento apaeano e foram escolhidas a fim de provocar a discussão de pontos polêmicos e/ ou velados. Descrevemos as frases e os comentários dos grupos:

“Não existe trabalho com a família se não houver uma grande escuta dos pais a respeito do seu conhecimento de vida e do próprio filho.” Comentários do grupo: Se

não participamos estamos escondendo nossos filhos da sociedade; devemos tirar um tempinho para nossos filhos.

“Os pais são os responsáveis, os primeiros e os principais educadores. Eles podem buscar opiniões e podemos dar a nossa opinião, mas as opções são dos pais, não nossas.” Comentários do grupo:

Nós como família temos que trabalhar em parceria com os profissionais e praticar em casa o que foi ensinado ao portador. Nós como responsáveis pelas nossas crianças com necessidades especiais temos que conscientizar que a família tem que trabalhar e lutar junto com a APAE porque queremos o melhor para nossos filhos.

“Os técnicos têm muita dificuldade de aceitar os pais, as opiniões, colocações dos pais. ‘Lá vem aquele chato’. E os pais devem entender que, às vezes são realmente chatos.”

Comentários do grupo:

Nós pais temos o direito de defender os nossos filhos. Muitas vezes somos vistos como chatos pelos técnicos, que têm dificuldades de entender as colocações dos pais. Alguns (técnicos) não têm filhos e não conseguem assimilar as curiosidades e dificuldades que as mães tem com a convivência com as crianças especiais e com pessoas preconceituosas.

“Ao fundar uma APAE, a diretoria deve ser constituída por pais, em sua maioria. Eles levariam o problema, tinham de participar e têm de participar.” Comentários do grupo:

Sim, porque a vontade que temos para ajudar os nossos filhos a crescer é primordial. E participando também, ajudamos às crianças a desenvolver; apontando caminhos a serem percorridos para melhorar o desenvolvimento das crianças; cobrando dos profissionais a execução das ações propostas. E das famílias o apoio a seus filhos para que haja êxito na vida de cada um.

“Cada família pode ser um agente modificador de atitudes e valores da comunidade em relação às pessoas com deficiências.” Comentários do grupo: *Às vezes ouvimos palavras e julgamentos que nos machucam e revoltam, mas que na maioria das vezes é falta de informação. Algo para que haja essa modificação é mais informação.*

Algumas participantes fizeram comentários complementares às exposições e, considerando que todas tiveram oportunidade de se expressar, a diretora/ pesquisadora prosseguiu com a atividade propondo um aquecimento interno para que refletissem: Qual minha posição diante do que foi apresentado? O que quero? Após alguns minutos foram convidadas a compartilhar seus sentimentos e impressões durante toda a vivência:

“Satisfação muito grande em compartilhar histórias. É gratificante.” (Márcia)

“Gratificante poder reencontrar e conhecer novas pessoas”. (Tereza)

“Muito importante para rever todas. Estamos no mesmo barco”. (Ilda)

“O tempo é nosso”. Quando entramos na APAE o tempo é nosso. Em casa, é dos outros. É da família”. (Gisele)

“O convívio libera a angústia”. (Rosa)

“Estamos nos informando sobre a APAE”. (Eliza)

“Quando os filhos sabem que vamos participar, se sentem cuidados e amados”. (Nilza)

“A força que mães com filhos especiais transmitem é muito forte”. (Elena)

“Os pais não aceitam as crianças e chegam a abandonar a casa”.

“A gente planeja uma família e nem sempre sai como queremos”.

“O homem tem dificuldade em aceitar. A mãe é o pai e a mãe. Querem ser amadas”.

Freyre (1995) diz ser fácil entender como a família influi no sujeito, desde antes do nascimento. Se estas influências favorecem uma evolução normal e uma coerente interrelação, o grupo familiar irá permitir que seus membros atuem espontaneamente, com independência, confiando em suas possibilidades e sem temor que isso os condene ao isolamento. Do seu trabalho com grupos familiares encontramos relatos que nos permitem uma analogia para as famílias de pessoas com deficiências, cujo nascimento provoca, dentre outros, dificuldades de diálogo e (re)significação dos vínculos diante da perda do “filho idealizado”:

Quando os canais de comunicação se bloqueiam, as mensagens são confusas e os papéis rígidos, estereotipados, aparece uma situação de desequilíbrio interno e com o exterior, que se converte no campo de cultura propício para o aparecimento da enfermidade como resultado de um sistema de vínculos e relações deficitárias (FREYRE, 1995)

Para encerrar foi feita uma síntese das discussões do dia com destaque para a importância da família no processo de reabilitação e inclusão da pessoa com deficiência e do quanto a visão apresentada pelo grupo já estava sinalizando para uma concepção inclusivo-transformadora que é a nossa orientação e que foi apresentada na etapa do processamento temático: Para onde queremos ir? (Vide anexo 3)

Após apresentarmos os dados mais significativos coletados no primeiro encontro pode-se observar que as atividades propostas promoveram a participação das pessoas e criaram um campo favorável onde se sentiram à vontade para se posicionarem. Mostraram coragem e determinação em debater as questões polêmicas propostas sobre a família e a instituição. O posicionamento das mães neste dia sinalizou positivamente em prol de uma parceria mais intensa e produtiva junto à instituição e trouxe o reflexo das ações de orientação e acompanhamento pelas áreas técnicas. Percebemos a disponibilidade e vontade de participar com as questões relacionadas ao conhecimento da instituição e às ações que esta vem desenvolvendo junto aos alunos e às famílias; assim como o desejo de elas próprias receberem cuidados, além do cuidado que demonstram e que esperam que a APAE tenha com seus filhos.

Quando propomos que a população atendida tenha uma participação ativa junto aos espaços de reabilitação e de deliberação da instituição, estamos nos apropriando do que Paulo Freire (*apud* VALE, M.J, 1995) denominou trabalhador social. Este ao fazer sua opção pela verdadeira humanização e emancipação da pessoa, não teme a liberdade, não manipula. Não teme as mudanças e não aceita ser o agente principal da mudança, mas um dos seus agentes.

Torna-se importante ressaltarmos que, apesar de todas as falas apresentadas convergirem para a disponibilidade e importância da participação familiar na instituição, notamos que ainda há uma lacuna entre estas colocações e a efetiva participação enquanto protagonistas de suas reais necessidades.

2º Encontro - Vide anexo 4

Objetivos	Métodos utilizados	Conteúdos trabalhados
Apresentar as participantes do grupo; Identificar as representações sociais da pessoa com deficiência e de sua família; Identificar os papéis dos membros da família de uma pessoa com deficiência.	Jogos sociométricos Role playing Sociodrama	Matriz de identidade Papéis familiares Aceitação da deficiência Relação com os profissionais Preconceito X informação

Foi proposto na atividade de apresentação das participantes, que cada uma se assentasse na cadeira, colocada no palco, diante de outra vazia. A consigna foi que falassem primeiro quem era o filho; e depois, que se imaginassem na cadeira vazia e, como se fosse seu filho, dissesse ao grupo quem era “sua mãe”. A seguir relataremos os principais trechos desta vivência:

“Meu filho é o Eduardo. Ele é lindo, inteligente e alegre” (Rosa). Se atrapalhou após intervenção da diretora/ pesquisadora que repetiu a consigna de se apresentar como se fosse o filho falando dela. Continuou: *“Minha mãe é Rosa. Nome bonito. É amor”*, disse imitando o jeito do filho falar.

“Sou Lúcia, freqüento o Naso¹². Moro com minha mãe e meu pai. Minha mãe é Márcia, baixinha, pequenininha, mas que eu amo muito. Minha mãe me dá banho e às vezes dá comida na boca”. Relembrou com humor o que a filha é e como ela fala.

“Eu sou José, sou pequeno e tenho síndrome de Down e de West. Essa é minha mãe Lúcia. Ela me dá comida na hora certa. Faz comida gostosa, me dá os remédios na hora certa, passeia comigo. É carinhosa. É perfeita”. Fora de cena dizia: “ele não fala, mas seria assim...”

“Eu sou Guida. Minha mãe me dá banho, remédios, passeia na casa da minha irmã. Minha mãe gosta muito de ficar na APAE”. (Daléia)

“Minha mãe muito chata, tem hora. Eu xingo ela mesmo”. Quem está fazendo a apresentação? – perguntou a diretora/pesquisadora. Não adiantou, ela continuou a dizer de si como se fosse o filho, com humor: “Não faço nada sem ela. Eu to estressando ela e ela fica estressada. Mãe adora Zizi. Mãe me leva pra escola. Não venho com outra pessoa” (Darci)

“Eu sou Wagner. Moro em Matozinhos. Eu gosto muito da minha mãe; ela me leva pra tomar sorvete. Me dá banho. Eu belisco e bato na minha mãe. Mãe faz janta, fica acordada comigo. Gosto de ficar com minha mãe na banheira” (Neli)

¹² Núcleo de Atividades Sócio-Ocupacionais – programa da instituição para pessoas com mais de 18 anos.

“Minha mãe é muito vaidosa. Ela me dá mamadeira. Não dá colo na hora de dormir. Mãe a noite não olha o filho. A noite deixa o filho chorando pois é hora de dormir”, disse com um tom infantil (Bete).

“Mãe muito chata, me xinga”. Diretora/ pesquisadora entrevistou: *Quem está falando?*

Continuou: *“Não gosta que fico ouvindo música porque dá dor de cabeça. Mãe não gosta de nada fora do lugar. Mãe vende roupa, confia em mim pra receber o dinheiro dos outros...”* (Ilda)

A partir dessas apresentações foi possível notar que, algumas mães conseguiram atender ao que foi proposto. No entanto, outras não deram conta de vivenciar ao mesmo tempo o papel de mãe para apresentar seu filho e logo após, se colocar no papel de seu filho para apresentá-la. Por isso, foi necessária uma segunda intervenção da diretora/ pesquisadora: *“Vocês estão muito misturadas!”* Alguém do grupo falou: *“Uma é o espelho da outra!”*

Diante das dificuldades em atender a consigna: *“Colocar-se no lugar do seu filho. E no “como se¹³” fazer sua apresentação e depois, apresentar sua mãe”* buscamos o conceito de matriz de identidade que Moreno apresenta como a placenta social de onde, posteriormente, serão estabelecidas toda a rede de papéis e vínculos:

Essa coexistência , co-ação e co-experiência que, na fase primária, exemplificam

¹³ Como se – é o universo que tenta indicar a realidade através do imaginário dramaticamente representado. É como se fosse a realidade, que só acontece no cenário controlado e terapêutico do Psicodrama. (MENECAZZO, 1995)

a relação do bebê com as pessoas e coisas à sua volta, são características da *matriz de identidade*. Essa matriz de identidade lança os alicerces do primeiro processo de aprendizagem emocional da criança (MORENO, 2003, p.112).

Percebemos que, o impacto causado pelo nascimento de um “filho com deficiência” faz com que a presença intensa da mãe na busca de suprir e atender a todas as necessidades da criança, favorece uma fixação nessa fase de desenvolvimento dos vínculos. Dessa forma, a mãe retoma suas experiências anteriores de indiferenciação e se mistura nos papéis, fazendo com que seus desejos sejam os desejos dos filhos e vice-versa.

A diretora/ pesquisadora falou novamente a consigna: “Primeiro falar quem é o filho, depois fazer a sua apresentação como se fosse ele”.

“Zi me dá comida, brinca, passeia comigo”. Com quem? Ela continuou: “Ela é pau pra toda obra. Ajuda todo mundo. Leva pai e mãe no médico. Paga as contas. Resolve as coisas da família” (Geralda)

“Minha mãe não deixa eu ir pra rua”. Intervenção: “Quem?” “Pedro. Fica preocupada. Me ama muito, sempre ta do meu lado, me leva pra onde eu quero ir. Não deixa eu sair. É firme” (Rita).

Torna-se importante observarmos que, mesmo após a intervenção sobre a mistura de papéis, as demais participantes continuaram as apresentações sem que a consigna fosse cumprida.

Após estas apresentações levantamos alguns aspectos que permitiram delinear a imagem da pessoa com deficiência no grupo, tais como: idealização, centralizador da dinâmica familiar, de convivência restrita; bem como aspectos que dizem respeito à mãe: cuidadora, submissa, resignada, ambivalente, simbiótica, educadora.

A vivência da inversão de papéis permitiu o diagnóstico da condição de identificação de cada uma com seu filho, bem como do seu processo de amadurecimento e saída da etapa de indiferenciação inicial. Sabemos que pela inversão de papéis um indivíduo tenta entrar no mundo do outro e refletir em relação a si, assim como sobre as respostas da outra pessoa e sobre a interação mútua; ao mesmo tempo deve observar e estar atento ao comportamento “a partir do lado de fora” tanto em seu próprio papel quanto no da outra pessoa (KELLERMANN, 1994).

Em seguida, iniciou-se a preparação do Sociodrama quando se reuniram em três grupos, contaram cada uma sua história e escolheram dentre elas, uma para ser encenada.

Apresentação do Grupo 1 composto por Ilda, Darci e Márcia:

Cena 1 – A mãe com o bebê e a médica

Márcia/ doutora – *“Olha, Ilda o melhor é você levar a menina na Apae. Lá o pessoal é especializado para lidar com crianças como a sua”.*

A mãe desconsolada, carrega o bebê (boneca) e anda pra lá e pra cá.

Diretora/ pesquisadora faz um duplo/ mãe: “Será que eu levo essa menina tão bonita pra Apae? Essa médica nem tem filho, como ela sabe que lá vai ser bom pra minha filha?”

Cena 2 – Recepção da Apae onde estão a mãe com o bebê e a recepcionista

A recepcionista explica à mãe como é a triagem e os documentos que terá que trazer.

Ilda/ mãe faz um solilóquio: “*Ai que papelada vou ter arrumar... Vou ter que contar a história dela de novo pra saber se ela é cliente?*” Em seguida responde à recepcionista:

Ilda/ mãe – “*Ela tem um ano e cinco meses*”.

Encerra a cena dizendo:

Ilda/ mãe – “*Meu Deus, quanto trabalho... Se Deus me deu, tenho que resolver...*”

Cena 3 – Fato marcante – Encaminhamento para escola regular

Mãe chega na escola e diz para a diretora:

Ilda/ mãe – “*Minha filha tem síndrome de Down, mas foi indicada para estudar aqui pela*

terapeuta que atende a menina desde pequena. Como eu gosto muito da terapeuta, estou aqui para fazer o que ela disse.”

Darci/ diretora – *“Mas a escola não está preparada para receber crianças especiais...”*

Ilda/ mãe – *“O que que eu posso fazer? Ela é muito alegre. Tem cinco anos, anda, fala muitas coisas...”*

Darci/ diretora – *“Bom então traz a menina”.*

Mãe chega com a menina que é levada para a sala de aula. A menina sai da sala, não fica no lugar... A professora diz:

Darci/ professora – *“Eu sou professora. Eu não sou babá. Ela não sabe nem beber água sozinha...”*

A mãe encerra dizendo:

Ilda/ mãe – *“Em casa ninguém me dá apoio. Não sei o que vou fazer.”*

Apresentação do Grupo 2 composto por Rosa, Neli, Geralda e Rita:

Cena 1 – Consultório de Fisioterapia

Neli entra, senta, mostra o filho no colo e diz pra fisioterapeuta:

Neli/ mãe – *“Ele é muito molinho. O médico mandou eu fazer fisioterapia... Será que o Wagner vai estudar? Andar?”*

Rita/ fisioterapeuta – *“Sim, respondeu pegando no menino. Bem devagar”.*

A diretora/ pesquisadora entrevistou pedindo um solilóquio¹⁴ da fisioterapeuta:

Rita/ fisioterapeuta – *“Esse menino não vai andar nada. Estão enganando ela”.*

Continuou: *Você vai leva-lo pra estudar na APAE.*

A mãe sai falando consigo mesma: - *“Que fisioterapeuta esquisita. Ele precisa de ginástica pro pescoço e ela manda pra APAE? Vou lá”.*

Cena 2 – Na Apae da sua cidade

Chega com o menino, mostra e a pessoa diz que não tem como ser atendido lá. Vai para outra cidade. Enquanto sai, fala:

Neli/ mãe – *“O povo lá de casa é tudo preconceituoso. Meu pai fala que na Apae só estuda retardado...”*

¹⁴ O solilóquio permite retratar uma situação, numa luz melhor ou pior do que a realidade justifica (MORENO, 2003).

Cena 3 – Na sala 33 – Núcleo de Mães

Chegou e contou para as outras acompanhantes:

Neli/ mãe – *“Estou separando do meu marido...”*

Saiu da sala. Quando voltou lhe disseram que tinham fofocado com o nome dela. Não quis mais ficar na sala das mães.

Apresentação do Grupo 3 composto por Lúcia, Daléia e Bete:

Cena 1- Casa de Bete

Bete chega na Unidade de Atendimento Especializado. Carrega o filho e andando de um lado pro outro, diz pra si mesma:

Bete/ mãe – *“Levar meu filho pra Dr^a Ana? Ela é doida... Vai dar remédio que ele não precisa...”*

Entra no Consultório, a médica examina.

Diretora/ pesquisadora faz duplo¹⁵/ mãe: *“Essa médica esquisita analisando meu filho desse jeito. Meu filho não tem nada não”*.

¹⁵ O duplo é a técnica mais eficaz para fazer surgir as emoções, pode ser denominada o coração do psicodrama. Favorece a interação do protagonista com sua realidade psicológica, ajuda a assumir riscos e ter uma interação mais completa (BLATNER, 1996)

Bete/ mãe saindo do consultório diz: *“Minha família fica falando que meu filho é retardado. Vou dar remédio pra ele não”*. Ela ficou emocionada, controlou.

Diretora/ pesquisadora fez duplo/ mãe: *“Até agora não sei o que vai ser do meu filho”*.

Cena 3 – Mãe consigo mesma

Bete/ mãe – *“Meu filho endureceu a cabeça... Isso é um grande avanço...”*

Nesse encontro pode-se verificar a manifestação das etapas vividas pelas famílias de uma pessoa com deficiência: a negação da deficiência, a dificuldade com a aceitação da deficiência, o isolamento social e às vezes até familiar, os diferentes posicionamentos em relação a si própria: “falar do meu filho, é falar de mim” ou: “Eu me anulo. Gostaria de ter tempo para mim”. Além destas, as cenas trouxeram histórias que nos remetem a questões sociais relacionadas à pessoa com deficiência: preconceito, inclusão/ exclusão, credibilidade, educação/ reabilitação; deficiência vista como doença e busca pela cura; intermináveis recursos que possam amenizar as dificuldades e promover o potencial; dúvidas em relação ao que foi realizado em benefício do filho e ao que poderia ter sido feito. Sempre em busca de algo ou alguém que possa inovar ou renovar as esperanças de melhoria. Outro aspecto que apareceu é o vínculo do profissional com a criança e a mãe. Quanto mais positivo, mais credibilidade e assertividade quanto às prescrições e intervenções.

A análise das cenas iniciou-se pelas próprias mães, no momento de compartilhar quando falaram de situações comuns de dificuldades:

A história de Ilda é muito parecida com a de muitas mães. É triste porque tem gente despreparada para lidar com nossos filhos. Eu mesma fiquei muito decepcionada com profissional aqui da Apae mesmo, que graças a Deus não está mais aqui. Não quis reviver a cena, pois foi muito doloroso. Escolhemos a história dela por ter menos coisas ruins. Havia muito preconceito e isso deixava os filhos isolados. (MÁRCIA)

Destacaram também os avanços que passaram com e pelos filhos:

Contar a minha história seria ruim. Não daria tempo. Eduardo é minha emoção, meu ponto fraco. Quando lembro do que a gente passou. Hoje to mais tranqüila, pois meu filho evoluiu bastante. Cada dia é uma nova emoção. Eles entendem sim, tudo que acontece. Todo mundo em casa fica emocionado com as coisas que ele faz. Ainda dói algumas coisas que a gente passou. Queria fazer mais por ele. Mostrar pra muita gente a vitória dele. A gente se sente recompensada pela luta, pelo esforço, pela melhora... (ROSA)

Uma das questões levantadas por esta pesquisa é se a família conseguiria superar sua dor e coletivamente lutar por melhorias. A partir das dramatizações notamos que houve uma identificação para representar suas histórias por meio de outras vivenciadas pelos membros dos grupos, favorecendo a compreensão de que não estavam sozinhas.

Geralda nos sinaliza com seu comentário:

Serviu para pegar experiência. A história de cada uma é parecida, estamos lutando pelo mesmo ideal. Muita história teve rejeição da família. E a minha história teve apoio da família. Cada ato, pequeno que seja, que seja novo, é bobo para as pessoas, mas para nós é muito bom (GERALDA).

Verificamos também, que o Psicodrama se apresenta como uma contribuição significativa para a proposta, uma vez que atua no ponto de interseção entre o individual e o coletivo, pois, ao trabalhar com um indivíduo, refere-se ao grupo que ele pertence, porque o drama não é único e exclusivamente seu e sim de todos os indivíduos que ele representa (GONÇALVES, 1988).

Buscando aprofundar a reflexão em torno de seu papel social de mãe de pessoa com deficiência, questionamos: no Brasil e Mãe que acredita. Mãe que batalha. Onde está a mulher? Que mulher-mãe é essa? É possível falar de você sem falar do filho?

“Falar deles é falar de nós mesmas. Se o filho ta triste, a gente ta triste e vice-versa. Não tem jeito de separar...” (Rosa)

Nesse momento algumas pessoas demonstraram concordar com ela. Porém, Márcia se colocou da seguinte maneira:

Eu gostaria de ter um momento para mim. Eu queria voltar a estudar... Mas não tive apoio da família. Sei que estou me anulando como mulher, me acomodei... Não tenho apoio do marido. Sinto-me frustrada por não fazer o que quero. Meu marido me oprime demais... Fazer o que, né? (MÁRCIA)

“Tô no mesmo caminho de Márcia. Me anulo. Meu único passeio é vir para Apae”
(DALÉIA)

Diretora/ pesquisadora como duplo das mães: Com quem posso contar?

“Não sou mãe... Tava me anulando, mas dei meu grito de liberdade e hoje faço minhas coisas... Graças às orientações de Márcia. No dia que vou pra festa, a família tem que se virar pra passar o dia com o Guilherme. Eu vou mesmo...” (GERALDA)

Lúcia finalizou:

“Meu marido me dá todo apoio. Não posso me queixar.”

A fala dessas mulheres, após a experiência do Sociodrama, nos remete a sua constituição e caracterização:

O verdadeiro sujeito de um sociodrama é o grupo que pode consistir em tantas pessoas quantos os seres humanos que vivam em qualquer lugar ou, pelo menos, quantos pertençam à mesma cultura. O sociodrama baseia-se no pressuposto tácito de que o grupo formado pelo público já está organizado pelos papéis sociais e culturais de que, em certo grau, todos os portadores da cultura compartilham (MORENO, 2003)

Observou-se que, num primeiro momento, elas estavam confortáveis com a cristalização de seus papéis de mães “especiais” de filhos especiais. Foi necessária uma intervenção mais direta para que refletissem sobre como cada uma vinha desempenhando outros papéis, especialmente o seu papel de mulher. Posteriormente, as mães de filhos mais velhos reconhecem que se anulam em função do filho com deficiência e que a família ou o marido não favorecem que saiam desse lugar e, que não existe outra pessoa que possa substituí-la nesse cuidado. Entre elas, apenas duas relatam o apoio dos maridos. A relação simbiótica com o filho deficiente mostra-se para algumas como uma defesa ou proteção contra a frustração no vínculo conjugal – que se manifesta pela falta de apoio e participação do marido na educação dos filhos – o que gera um círculo vicioso, do qual têm dificuldade de sair.

As mais jovens (Eliza, Rosa e Lúcia) se vêem como quem corre atrás daquilo que é necessário para os filhos mas, não demonstraram estar num lugar tão cristalizado

quanto as mais velhas, provavelmente devido às mudanças mais recentes nas relações de gênero, com maior autonomia da mulher em nossa sociedade.

3º Encontro - Vide anexo 5

Objetivos	Métodos	Conteúdos
Favorecer as interações grupais; Resignificar os papéis familiares.	Exposição dialogada GVGO Questionário de observação	O que são grupos Os tipos de grupos Comunicação, liderança, participação Família real e família ideal

Aconteceu uma exposição dialogada sobre “Grupos e suas principais características” (Vide conteúdo das lâminas no anexo 6). As participantes deram exemplos, fizeram perguntas e comentários relacionados ao tema: *“Na família também tem liderança. Só que, às vezes a mulher fica liderando a maior parte do tempo.”* (Eliza)

Sobre a comunicação: *“Saber se comunicar é muito importante. Se eu não souber falar o que quero é difícil que eu seja atendida. Eu entendo tudo que meu filho fala porque eu estou sempre com ele e me esforço”* (Neli). Nesta fala confirmamos a função de ego auxiliar que as mães adotam, com tendência à fixação na primeira fase da matriz de identidade, visto que o tema tratava de uma comunicação enquanto fator fundamental para o trabalho em grupo, entre pares.

Como aquecimento para a ação, foi proposto que, em círculo, enviassem um objeto de pelúcia para quem quisessem. Ao jogarem, deveriam falar algo que marcou na

participação da pessoa escolhida, no encontro anterior. Entretanto, cada uma falou dos motivos pessoais, da sua relação anterior ao curso com a outra e que justificava sua escolha. A diretora/ pesquisadora entrevistou mas não houve mudança do comportamento. Pode-se perceber que Márcia, Ilda e Tereza receberam o objeto mais de uma vez e quando todas já tinham recebido Ilda enviou para a diretora/ pesquisadora que encerrou a atividade enviando para o observador.

Em seguida foi pedido que se dividissem em dois grupos para realização do GVGO¹⁶ com o objetivo de observar e entender o funcionamento dos grupos. O conteúdo da atividades foi: solicitamos que para o primeiro grupo desenhar uma família ideal e ao segundo grupo para relacionar cinco aspectos de uma família ideal. Desses cinco, três deveriam ser diferenças entre o papel de pai e mãe. Todas receberam um roteiro para observação (vide anexo 7). Enquanto o primeiro grupo debatia e realizava sua tarefa, o segundo observava e vice-versa.

Terminada a tarefa foi pedido que os grupos apresentassem suas observações a respeito do funcionamento do outro grupo e vice-versa. Após a exposição de cada grupo, os membros do grupo avaliado fizeram comentários a respeito da análise recebida.

¹⁶ GVGO – Técnica da dinâmica de grupo que permite o treino da observação de desempenho do individual e grupal e de papéis e desenvolvimento dos grupos de trabalho.

O que pudemos perceber durante a avaliação dos grupos, foi uma tendência a evitar conflitos: *“O que marcamos já foi praticamente o consenso”* (Gisele). Houve também resistência para aceitar a percepção do grupo na avaliação do aspecto da liderança:

“Elas colocaram que houve alguém que dominou a reunião mais do que outros... Aqui, não sentimos assim, porque cada um deu sua opinião... Cada uma fez uma parte. A gente não percebeu que alguém fez mais que o outro” (Eliza).

“Nós vimos que todas participaram, mas teve umas que já foram com entusiasmo, falando, dando mais idéias. Todas participaram, perfeitamente... Só que algumas se destacaram. Esta foi a nossa opinião” (Lúcia).

“Nós não percebemos isso, não”. (Eliza)

“Às vezes quem está vivendo um problema não vê a solução. Quem está de fora é que enxerga. É isso que acontece...” (Rosa)

A diretora/ pesquisadora aproveitou o momento para fazer o processamento e expôs questões referentes à dinâmica dos grupos, relacionando a fala dos mesmos com o conteúdo apresentado nas lâminas, no início do encontro. Em síntese, fizemos as seguintes pontuações: Foi um momento de aprendizado? Estamos aprendendo a nos observar... nos observar no grupo... Como que eu estive? Como foi minha participação? O ideal é que haja uma alternância: ora um lidera, ora outro lidera... Agora existem

também, os dons, as habilidades... Não é todo mundo que sabe desenhar... Outro tem mais facilidade para escrever... Isso tudo vai influir na participação no grupo.

Após essas pontuações, Ilda fez a seguinte colocação: *“Ninguém tem tudo...”*

Diretora/ pesquisadora: Então... a necessidade do grupo vai encontrar certamente em seus membros alguém que vai corresponder, que vai cuidar... Se não, vai ter que buscar fora, né? Mas, quanto à participação, eu percebi que houve uma boa participação geral. Só mais um questionamento: A tarefa foi cumprida? Os dois grupos cumpriram a tarefa?

Neste momento, Tereza tomou a palavra: *“Eu notei que foi. Foi o que você esperava? Pra gente eu acho que nós cumprimos. Não sei se estava dentro daquilo que você queria. Mas, até onde nós entendemos...”*

Percebeu-se aqui uma preocupação em atender as expectativas da diretora/ pesquisadora, receio de errar, demonstrando que necessitam ainda da aprovação do outro. Por outro lado elas se justificam dizendo que estavam muito envolvidas com a tarefa. Foi um pouco difícil para elas receberem e aceitarem as avaliações do grupo observador, devido à preocupação com a aprovação do outro - *“Fizemos o melhor...”* disse Ilda, confirmando a nossa percepção da necessidade de mais desenvolvimento em habilidades de participação social efetiva.

A partir disso, houve a necessidade de uma intervenção da diretora/ pesquisadora para que o grupo focasse no conteúdo da atividade realizada – a família ideal e a diferenciação dos papéis de pai e mãe. Então agora vamos conversar sobre isso? Agora vamos conversar sobre o conteúdo, porque até agora nós não falamos sobre a família ideal. Como vocês se sentiram, como vocês perceberam em relação a essa família ideal que vocês construíram tanto no desenho quanto no cartaz. Podem explicar?... Eu gostaria que vocês explicassem...

Além da análise do funcionamento dos grupos, a tarefa foi planejada para provocar um aprofundamento nas questões relacionadas aos papéis familiares e suas representações sociais, favorecendo que elas dirigissem um olhar crítico para as famílias que construíram, resgatassem suas próprias soluções como possibilidades legítimas de se viver em família e buscassem mudanças que se adequassem a um desejo de ter uma família mais plena e mais feliz (PUTTINI, 1997).

Márcia se colocou: *“Embora tem alguns maridos que ajudam, que vão no mercado, que ajudam na casa, mas não são todos... E tem também a criação, na educação dos filhos. Exige cada vez mais da família, mais é a mãe que é a responsável...”*

Eliza completou: *“Tanto o homem, quanto a mulher tem os mesmos direitos e deveres na educação, no trabalho doméstico...”*

Ilda continuou: *“Nem sempre é assim, né?”*

Lúcia ressaltou: *“Na família ideal, né? Que teria a participação que nós queríamos, em geral... os dois estariam dispostos para levar no médico, para acompanhar na escola...”*

Diretora/ pesquisadora: *Então, na família ideal que vocês pensaram não haveria diferenças entre o papel do pai e da mãe?*

Ilda respondeu: *“Sim... A participação é diferente, eu acho assim...”*

“Geralmente o homem ganha mais do que a mulher... tem que receber aquele dinheiro ali, todo mês. Faz uma diferença grande na vida daquele homem...” (MÁRCIA)

Gisele concordou com Márcia e disse: *“Muito difícil na família alguém receber mais que ele...”*

Tal discussão provocou em Eliza a necessidade de se colocar:

“Hoje, a condição financeira é tão complicada que depende de outros de fora pra poder ajudar a custear... E pra aceitar ajuda de fora, quer financeira ou emocional, é mais difícil pro homem que foi criado pra suprir a família, ser o provedor, e tem como responsabilidade de dar arroz, feijão, uma casa assim, adequada, pagar educação e se ele não pode fazer isso em algum momento, porque foi mandado embora, esta precisando de ajuda ele sente como uma humilhação e não vai aceitar ajuda nem da família dele... que fala: Não a gente vai te dar uma mão até você se reestruturar... Não. Não precisa porque eu tenho jeito de ganhar e de sustentar a minha própria família.”

Diretora/ pesquisadora: Então, esse papel ideal aí que você está falando... na família ideal, o homem deve continuar a ser o provedor? O pai é o provedor?

Eliza continuou:

“Prova disso é que, quando na condição familiar não tem pai e a mãe é quem sustenta a família, ela é vista como diferente pelo companheiro porque ela tá ganhando mais ... por que ela ta conseguindo sobressair mais do que ele; ou se ela tá sozinha e não tem marido, a sociedade a olha e pergunta: o que ela faz pra ganhar dinheiro, desfaz da condição intelectual dela... É complicado... Quem ficar dependendo de pensão de ex-marido, da família nunca vai chegar lá na frente sozinha... É complicado...”

Rosa concordou:

“E aí, quando a mulher pega, enfia a cara no mundo, trabalha, quando eles assustam, a mulher tá criando os filhos, tá dando educação... ele fica encabulado, como é que ela tá conseguindo isso? Porque a maioria das vezes a mulher não dá conta de sustentar uma família como o homem dá.”

Márcia: *“Tem muita coisa que nós queremos ainda e no mundo, na família de hoje as coisas são diferentes...”*

Rosa:

“... nós somos autoridade, nós sabemos o que nós queremos, nos lutamos pelo que nós queremos. Não tem esse negócio de ficar dependendo do homem, mais não... Mulher que fica dependendo de homem pra tudo tá lá no tempo da pedra. O que a gente pode, quer, a gente consegue. É só pedir a luz.”

Ilda: *“Mas tem mulher que é totalmente dependente, não faz nada... Minha mãe, se meu pai fosse vivo, ela seria totalmente dependente dele...”*

Gisele: *“Essas que são dependentes, que tem medo de enfrentar o mundo lá fora... é analfabeta, porque o mundo do trabalho requer muitas coisas... Não vê que está nova, que pode correr atrás... Fica aí sofrendo até o dia que Deus quer...”*

Ilda: *“Quem dera se eu tivesse vinte e cinco anos... Nosso Deus, se eu tivesse 25 anos, ninguém ia me agüentar... (risos) Eu ia estudar, trabalhar, lutar, vencer... Eu sou feliz mas ... eu perdi muito tempo por causa de filhos, né? Mas hoje, Jesus Eterno, tem tanta coisa... que a gente pode e não é só falando de dinheiro... Tem tanta coisa... Eu gosto de comunicar, de ler, de procurar... Ah! Quem dera se fosse há 25 anos atrás... Eu visto uma roupa hoje, que quando eu tinha 15 anos eu não vestia...”*

Diante dessas falas percebemos uma certa incongruência com as respostas dadas nos trabalhos em grupos. Onde está a igualdade de direitos, da divisão das tarefas, dos deveres? Logo no início do debate, retomam o discurso da hegemonia masculina e apresentam os riscos e dificuldades que uma mulher enfrenta para sustentar sozinha sua família. A partir da intervenção de Rosa, a favor da autonomia da mulher, revelam que, apesar da dificuldade financeira, uma mulher sozinha, de coragem, enfrenta as adversidades e busca e aceita apoio para levar adiante seus ideais de mãe e trabalhadora. E que o homem, tem muita dificuldade de aceitar que precisa de ajuda.

Além de apontarem as desigualdades sociais de gênero, revelam que estas ainda são maiores em famílias com filhos deficientes, porque a mãe se sobrecarrega com os cuidados especiais e não têm acesso ao próprio desenvolvimento profissional. Elas parecem buscar justificativas para entender que é comum o homem se ausentar diante das intensas dificuldades que precisam enfrentar com o nascimento de um filho com deficiência.

Igual no meu caso... Eu lembro até hoje, fui levar o menino no médico, aí uma dona lá perto de casa falou comigo assim: O Wagner é igual a qualquer menino. Não tem problema, deixa o menino! Lá em casa foi o contrário, ele (o marido) deixou o casamento estragar. Eu é que devia ter deixado, né? Porque eu podia falar: Estou cansada, de sair com Wagner,deixar pra lá, e tal. Eu não ia deixar o casamento pra lá... Ele é que deixou, então... (NELI)

Noutras falas podemos encontrar um pai presente mas que participa enquanto irmão mais velho ou amigo do filho, deixando para a mãe as funções de cuidar, de acompanhar, de “carregar” a família, a ponto de ser insubstituível:

Do casamento eu não posso falar nada. Eu tenho um marido que dá inveja. Ele é namorado, é amigo, é tudo pra mim. Marcos nem chama ele de pai. Chama é de Pedro (...). Diz sempre que onde for tem que levar nós dois. “Você não pode adoecer... Aqui em casa todo mundo pode adoecer, menos você. Pelo amor de Deus Darci, num adoce não...” Não faz nada sem eu. (DARCI)

Depois que todas falaram, a diretora/ pesquisadora encerrou o encontro: É interessante ouvir as experiências, a partilha das outras pessoas, das irmãs que estão aqui também.

4º Encontro - Vide anexo 8

Objetivos	Métodos	Conteúdos
Refletir sobre a construção da cidadania ativa; Favorecer a compreensão APAE como organização social; Favorecer as interações grupais.	Dramatização simbólica Atividades com objeto intermediário (colagem e música) Grupos de trabalho.	O que é cidadania ativa Os direitos e os deveres Políticas públicas Representação social Espontaneidade e vínculos

Após a acolhida as participantes observaram as gravuras afixadas e foram chamadas a refletir sobre o que as imagens tinham a ver com cidadania¹⁷. Depois em duplas, escreveram e apresentaram para a plenária:

“Células tronco: vida ou morte”.

“Transplante: sendo doador você pode salvar vidas”.

“Família feliz pela construção da sua casa”.

“A educação não é aprendida só na escola, mas junto com toda a sociedade. Todo cidadão tem o direito de ter uma educação perfeita”.

“Transplante: mil vidas, felicidade de uma vida. Seja feliz, doe uma vida para um irmão que precisa. Seja doador”.

O debate foi acirrado em relação à questão das células tronco e dos transplantes que vêm sendo divulgado pela televisão. *O que de benefício os filhos podem esperar a partir disso? No Brasil, não existe legislação que regulamenta. Como ter acesso? Quais as possibilidades e os limites do uso das células tronco? Quais deficiências poderão ser curadas com os transplantes? Há países em que está muito avançado... Muitas questões cujas respostas mal sabemos onde buscar... Há questões individuais*

¹⁷ Utilizamos 10 recortes de jornais e revistas com fotografias e manchetes relacionadas a personalidades políticas conhecidas, a pessoas comuns em situações de conquistas sociais (casa própria, escola pública) ou a situações onde os direitos estão violados (fila no hospital, falta de saneamento básico).

relacionadas à disposição da pessoa em doar ou em receber uma doação; há questões éticas: profissionais e também sociais pois, o mundo capitalista em que vivemos pode favorecer o crescimento do tráfico de órgãos...

Foi possível perceber que diante de problemas básicos de saúde, educação, transporte, moradia, graves problemas que estas participantes enfrentam no cotidiano, o foco da discussão se tornou teórico, distante e acadêmico ficando claro o pouco conhecimento dos seus direitos / deveres, enquanto membros de uma comunidade, de uma associação, resultando daí a dificuldade para o engajamento e participação no seu contexto real e cotidiano.

Um segundo tema polemizado pelo grupo, foi o direito à educação de qualidade para todos. Ele foi tratado sob o foco da mãe de criança com deficiência que tem se deparado com a possibilidade de matricular o filho na escola comum ou que já tiveram experiência do filho na escola comum anterior à vinda para a escola especializada. Elas falaram do quanto foi difícil o processo de mudança e que no meio de tudo, ainda tiveram que participar de uma “formatura” de despedida do filho. Refletiram o tanto que a escola precisa se modificar para fazer uma prática pedagógica adequada aos alunos com necessidades especiais e concluíram que, esses eventos e ações que fazem parte da rotina das escolas são tomadas como estratégias para amenizar o desconforto da situação. Afinal, quando a escola comum encaminha uma criança para a escola especial, ela comumente já tentou outras alternativas.

Para fortalecer a importância da mobilização social, foram utilizados trechos de letras de músicas para inspirar a construção de uma dramatização ou escultura envolvendo todo o grupo, sobre o conteúdo das mesmas (vide anexo 9).

Relato da primeira dramatização inspirada na música Alagados:

Cenário: O Cristo Redentor (Da Cruz) e uma casa de luxo (Rosa).

Cena: Mulher (Márcia) com criança (Rosilene), mendiga aos pés do Cristo. Sai uma madame (Gisele) da casa de luxo, desvia da mulher que implora: *“Uma esmolinha pelo amor de Deus! Uma esmolinha pelo amor de Deus!”* A madame continua a andar como se não tivesse nada com aquilo e resmungando que aquilo estragava o cartão postal mais bonito do Brasil.

Diretora/ pesquisadora propôs um solilóquio a Márcia: Ô mendiga! Como é estar aí pedindo uma esmola?

Márcia/ mendiga – *É horrível. Estou me sentindo muito humilhada, um nada. É muito ruim ficar aqui em baixo vendo as pessoas passando por mim e minha filha como se não fosse ninguém. É horrível.*

Diretora/ pesquisadora: E o Cristo Redentor, o que diz do que vê daí de cima?

Da Cruz/ Cristo Redentor: *Fico triste de ver que as pessoas não vivem como diz na Bíblia. Não se ajudam. Fazem pouco caso dos outros...*

Diretora/ pesquisadora: Alguém gostaria de experimentar um outro papel ou ocupar um outro lugar?

Rosa quis ser o Cristo Redentor. Fez o mesmo que a primeira, dizendo: *“É mesmo. Como é que pode uma pessoa vir pedir esmola e ainda traz criança?”*

Diretora/ pesquisadora: Gisele você quer mudar de lugar com alguém?

Ela recusou.

Relato da segunda dramatização inspirada na música Cidadão:

Cenário: Dois prédios concretizados por Daléia e Geralda.

Cena: Darci/ amigo e Ilda/ pedreiro conversam. Ilda/ pedreiro mostra para Darci/ amigo, o prédio da Escola que ajudou a fazer e que vai matricular sua filha. Caminha em direção ao prédio, toca campainha e é recebida pela diretora da escola (Darci) que diz:

Darci/ diretora: *“Não, não, não. Aqui não é escola para esse tipo de criança. Pode ir embora, procurar outro lugar”.*

Diretora/ pesquisadora: Agora vocês vão representar a criança sendo aceita.

Cena: Darci/ amigo e Ilda/ pedreiro conversam enquanto Ilda/ pedreiro mostra o prédio da Escola e diz para Darci/ amigo:

Ilda/ pedreiro: *Olha amigo! Eu trabalhei naquela Escola. A escola é muito bonita, boa... Uma beleza... Minha filha estuda lá há bastante tempo. Ela adora!*

Darci/ amigo: *Que bom, heim?*

Dando por encerradas as dramatizações, a Diretora/ pesquisadora convidou a todas que compartilhassem seus sentimentos e percepções sobre a vivência.

Ai, sentimento (chorou)... é isso que tenho agora quando me lembrei que na Escola particular que Marcos frequentou, onde nós pagávamos até antes do dia, e eu soube que tinha gente que nem pagava, e que ele não pode ficar lá. Ah! Mas, isso já passou, mas eu tenho esse sentimento... (DARCI)

Gisele compartilhou: *“O Gabriel ficou na escola por seis meses que foram eternos... Eu, tenho horror à inclusão...”*

Diretora/ pesquisadora: Em relação aos papéis que vocês desempenharam? Foi fácil? Foi difícil? Darci achei que ficou ... Como é que foi ser aquela diretora que não queria aceitar o menino?

Darci respondeu desabafando: *“Pois é, né? Mexeu comigo. Vocês viram como foi duro, como é duro, né? Trouxe até o sentimento que eu já tinha passado aquilo... Eu não quero ser diretora nunca na minha vida.”*

Diretora/ pesquisadora: Percebi que você ficou aliviada quando elas resolveram o problema antes de chegar até você...

“Graças a Deus!” (DARCI)

Diretora/ pesquisadora: Nós o tempo todo, em todas as falas, percebemos a questão da cidadania. Quando nós queixamos de algum sentimento de exclusão, das necessidades de saúde, dos apoios, tudo isso está dentro do conceito de cidadania...

Ilda perguntou sobre o que eu estava achando do grupo.

Diretora/ pesquisadora: Comentou sobre as presenças constantes do grupo de hoje e que tinham começado meio desanimadas mas tinham ganhado vida no decorrer do encontro. Para finalizar, a diretora fez uma breve exposição onde foram apresentados os conceitos de cidadania, políticas públicas e representação social (Vide anexo 10).

Quanto aos objetivos do encontro podemos avaliar que a metodologia favoreceu a manifestação da espontaneidade quando todas se envolveram na dramatização e permitiram que seus sentimentos e percepções fluíssem sem grandes dificuldades. Cada uma encontrou um lugar para ocupar e contribuir para a realização da tarefa. Expressaram suas experiências relacionadas às situações de exclusão social, de desrespeito aos direitos de igualdade e cidadania, bem como à necessidade de fortalecer direitos, ideais, lutas. Quando nos reunimos com outras pessoas para

compartilhar tudo isso, nos fortalecemos e aumentamos nossas chances de alcançarmos os objetivos.

Elas também apontaram seu incômodo com a educação inclusiva – parece que as diferenças de seus filhos ficam ressaltadas e as escolas comuns ainda não sabem lidar com esta questão, o que dificulta a inserção de seus filhos como cidadãos.

5º Encontro - Vide anexo 11

Objetivos	Métodos	Conteúdos
Favorecer o conhecimento da instituição; Identificar as possibilidades de parceria família/ instituição.	Atividade com objeto intermediário (colagem) Atividades vitalizadoras Exposição dialogada.	Organização do movimento apaeano Trabalho real e ideal com as famílias Geração de renda

Após acolher as participantes, iniciou-se o aquecimento grupal com a vivência da **teia**, quando cada uma ao jogar o novelo de lã para a colega foi convidada a falar o que sabia sobre a APAE, o que que a APAE tem de uma forma geral. Enquanto elas jogavam e falavam, as palavras foram anotadas num cartaz e, embora a questão envolvesse o que conheciam sobre a instituição, o que “ficou” foi o que a instituição TEM: fisioterapia, escola, fonoaudiologia, terapeuta ocupacional, quadra, Naso, professor, monitora, atendimento, alunos, ajudante. Ao chegar no último participante, foi feito o movimento inverso e a questão era sobre o que não sabiam sobre a instituição, o que falta à instituição: sinceridade, neurologista, pediatra, cursos, amizade, calor

humano, piscina funcionando, psiquiatra, dentista, lazer para os alunos, aula de natação.

Em seguida foram convidadas a formarem dois grupos para uma atividade de colagem.

Para isso, o primeiro grupo deveria pensar no trabalho que a APAE já fez ou faz com as famílias e o segundo deveria expor o que falta nesta instituição.

No primeiro grupo foi relatado: “Nós tivemos curso de culinária, passeio, lazer... O trabalho que a APAE faz com a família, visita à família porque tem profissional que vai na casa. Vão para ajudar... Já tivemos também, o acolhimento da mãe com a criança...”

Ilda lembrou: “Teve um curso de jardinagem com a família, porque teve para os alunos e as mães que interessaram puderam participar.”

Diretora/ pesquisadora: Vamos ver o grupo de cá, que foi pedido para pensarem no que a APAE não tem para a família. O que gostariam que a APAE oferecesse para a família.

Eliza foi a representante do segundo grupo:

Na primeira foto, do que não tem: não tem psiquiatra, neurologista, pediatra já teve... Tem que ter um consultório, um lugar próprio pras eles estarem atendendo porque eles não podem ficar sem atender os meninos daqui. Aqui, a gente colocou a questão da capacitação profissional porque tem muitas mães que estão pedindo pra dar curso de informática lá pra fora e têm muitas outras que já trabalham mesmo com artesanato e a gente pensou que, se a gente se capacitar pode gerar renda suficiente pras famílias estarem se mantendo porque tem muita família que tem gente que trabalha, mas o recurso é insuficiente. Nós colocamos

aqui também, momento de lazer, de confraternização da família dentro da Apae. Não vir aqui só pra reunião, reunião, reunião... Seria arrumar outras datas além da festa junina, do dia das mães ou pais, pra tá chamando essas famílias pra tá vindo cá, com o filho... conhecendo o trabalho, o dia a dia... E uma família vai trocando experiência uma com a outra, uma vai falando da história dela, outra vem e vai contando. Esse grupo foi muito isso. A gente descobriu que o problema da gente, que a gente achava que era o mundo desabando, é ínfimo perto do outro. Então, é muito interessante. Deu, uma vez pras mães que ficam aqui, e as outras que não vêm por “n” motivos, ou porque têm birra de reunião, né? A gente colou também, duas frases: “Nosso trabalho faz o Brasil mudar” . O trabalho da APAE faz com que a sociedade inteira pense que as crianças que estão aqui, não são tão diferentes do que são as outras que estão lá fora. Se a gente não falar, continua tudo do mesmo jeito. A outra frase que achamos interessante: “O preconceito é dramático porque não discrimina diretamente”. Então se hoje, você como mulher tem um espaço, é porque foi uma luta imensa, tem que ser guerreira. Se não for guerreira, você dança. Porque nós mães aqui, que vive dia a dia essa frase diz muito da gente que “guerria “ às vezes sozinha porque a família não tá dando apoio, o marido às vezes não dá apoio, eu acredito que de agora para frente as famílias que estão chegando pra APAE, a família vem toda e não só a mãe com o filho, desesperada, vem e traz o marido porque ele também ajudou a gerar aquela criança e ele também tem que estar ajudando estruturar essa família. Tem que estar participando.

Este depoimento nos remete ao método psicodramático como facilitador da “compreensão dos fenômenos interacionais, que possibilita o redimensionamento dos problemas familiares. Ao dramatizar situações cotidianas, as famílias passam a ter condições de enxergar os problemas sob novos ângulos e buscar soluções novas e criativas” (BARBOSA, 2001)

Diretora/ pesquisadora: Agora, vamos ouvir o que vocês têm a dizer. Cada um vai falar sobre o que percebeu com esta atividade.

Bom, ali na capacitação profissional, eu já penso igual. Já teve muito curso bom aqui. Eu já fiz o de bijuterias. Eu já fiz muita bijuteria. Já ganhei dinheiro fazendo bijuteria. Então, assim, muitas pessoas que aprenderam, ganharam dinheiro com isso... com outras coisas que aprenderam... Porque nessa luta que a gente fica sempre vindo pra aqui, o tempo todo, a gente mora longe não tem condição de estar indo pra casa e voltando pra buscar o filho e a gente fica aqui presa. É muito tempo pra gente ficar aqui. Podia tá aproveitando o tempo aprendendo

coisas novas, igual as mães que estão lá agora ensinando o que já sabem pras outras. Isso é uma situação muito boa. Tudo que a gente conseguir, que tiver pra aproveitar as oportunidades sempre é válido. (TEREZA)

Ilda complementou dizendo que: *“pra melhorar não podia deixar acabar”*. Esta fala é importante pois ressalta que estes cursos já aconteceram e deveriam ter continuidade, possibilitando que as mães possam contribuir com a renda familiar e se tornarem mais independentes financeiramente.

Lúcia nos chama a atenção para o fato de que *“nas escolas estaduais e municipais, a quadra é coberta. Agora, aqui é projeto.”*

Ilda desabafa: *“O projeto tá pronto não é de hoje, né?”*

Tereza continua:

Mas a gente tá buscando parceria. Outra coisa era o trabalho da assistente social. Ela ia preparando as mães, as famílias para quando estivessem prontas, poder receber as mães que iam chegando: as mães de plantão. Foi uma coisa muito boa. A gente aprendeu muito e passou muita experiência. As mães tinham toda liberdade de ficar desabafando com a gente. Era um momento assim, eu ficava até emocionada! Às vezes a gente chorava junto... porque era coisa delas ficarem tão agradecidas da gente tá recebendo, de estar com outra mãe que tinha passado por aquilo tudo. A gente chega num lugar que não conhece, chega deprimida achando que é a pior mãe do mundo, pensando porque da vida da gente... Não é fácil vir pra'qui não, é uma bênção estar aqui. Mas...

Eliza continuou: *“... tem muita gente que vê a gente na rua, sabe pra onde vamos, precisam de profissional especializado mas não tem coragem...”*

Lúcia comentou: “Vocês estão vendo a Helena na novela¹⁸, procurando escola pra Clara? O que é melhor pra ela?”

Tereza: “Ela fala da convivência com outras crianças, das semelhanças, mas agora, é que ela está chegando à conclusão que o melhor pra ela é uma escola especializada...”

Ilda: “Ela ainda está pensando...”

Lúcia: “Aqui é o melhor lugar...”

Eliza falou:

Eu que sou nova aqui, não passei por nada disso. São três anos que eu estou aqui e é uma fase nova da APAE, que a família vem em tudo mas, eu não vejo a família como a instituição prega... Ou tem pessoas que não sabem disso e só vêm porque tem reuniões, porque tem que vir... não porque elas se sentem à vontade de estarem aqui. Talvez por não sentirem que aqui é como a casa deles, não só do filho da gente, mas da família inteira. Tem gente que fala: Ah! Não tem trabalho, eu nunca fui lá! Às vezes é porque não conhece o trabalho. Não imagina que seja tão interessante! As pessoas contam do curso de culinária que teve... faz geração de renda porque não é todo mundo que sabe fazer uma quitanda, fazer um salgadinho... Teve curso de cabeleireiro.

Neste encontro ficou muito evidente a necessidade financeira das famílias. A questão da geração de renda foi apontada várias vezes como uma expectativa das mães em relação ao trabalho que precisa ser feito ou retomado pela instituição em prol das famílias. Isso evidencia também, uma das conseqüências negativas para a família que tem um membro com deficiência: exigência que um membro do grupo familiar,

¹⁸ Novela “Páginas da Vida” – Apresentada pela Rede Globo no 2º semestre de 2006, que contou a história de Clara, uma menina com Síndrome de Down e as dúvidas e desafios de sua mãe adotiva Helena para escolher a melhor escola para ela e inclui-la socialmente.

geralmente a mãe, dedique maior tempo para os cuidados e necessidades dessa pessoa, ficando impossibilitada de ter um vínculo de trabalho que permita colaborar financeiramente com a manutenção da família, além do tempo que fica na escola aguardando durante o período de escolarização do filho, deixando os serviços da casa e o cuidado para os demais membros da família em segundo plano.

Fica uma reflexão para uma análise posterior junto aos profissionais da APAE: deve a instituição “oferecer” estes cursos, reforçando o papel “secundário” das mães do ponto de vista financeiro ou profissional? Ou o caminho é uma transformação maior – paralelo ao da inclusão educacional – nos sentidos de mudanças estruturais mais profundas destas famílias, em prol de maior autonomia das mulheres e de uma participação global das “famílias” e não só das mães?

Em relação à participação da família na instituição, há uma análise positiva das participantes quando relatam que percebem a família presente e participativa e que aquelas que não vêm é porque não reconhecem sua própria importância na vida e reabilitação dos filhos. Esse posicionamento reflete mais uma vez que, apesar das ações pouco sistematizadas da instituição em relação à participação da família, as famílias que atendem aos convites, que aproveitam os espaços disponibilizados conseguem si posicionar enquanto responsável pelo processo educativo e de reabilitação do filho e que vislumbra uma maior escuta e participação nas instâncias deliberativas da instituição. Entretanto, percebe-se que a análise do grupo, é feita do ponto de vista delas, estas mães, que estão sempre presentes e buscando por

participação. Afinal, num universo de 350 famílias, este grupo se formou com 15 pessoas, não contando com nenhum homem!

Aparece mais uma vez, a ênfase na mulher forte, guerreira, uma “heroína oculta” que mesmo nas dificuldades e na dor, faz de tudo para garantir ao filho com deficiência e à família a assistência necessária deixando para trás empregos, estudos e até o casamento, embora falem também da importância do pai participar para conhecer o trabalho, compreender melhor o filho e a situação das próprias mães. Parece-nos que estas mães de filhos com deficiência permanecem, com relação à sua autonomia em outras funções sociais além de mãe, como as mulheres do período pré-feminismo.

Outro aspecto, timidamente introduzido foi a inclusão escolar das crianças com deficiências, através da referência à novela. Mas, apesar de ser um direito, a maioria das famílias ainda têm muita resistência e receios quanto à escolarização dos filhos nas escolas comuns. O medo da discriminação e do não atendimento às reais necessidades das crianças, é justificativa comum. Em relação à inclusão social, é diferente. Se posicionam junto da instituição enquanto mediadoras, enquanto cidadãs que buscam pela garantia dos direitos de seus filhos e enquanto responsáveis por mudar a opinião da sociedade a respeito das pessoas com deficiência.

Pode-se verificar que a metodologia utilizada favoreceu a participação das mães e que houve sinais de evolução do grupo: a liderança representativa trouxe para a assembléia todas as discussões levantadas nos pequenos grupos; uma rede de opiniões e posicionamentos que vai se complementando; envolvimento na tarefa e conseqüente realização de forma criativa, adequada, espontânea. Chamou-nos atenção, também, a

crecente consciência da importância do outro para a transformação da realidade cotidiana.

6º Encontro - Vide anexo 12

Objetivos	Métodos utilizados	Conteúdos trabalhados
Verificar a evolução conceito de participação da família; Elaborar Plano de Ação para parceria família/ instituição; Avaliar a participação no/ do curso	Sociodrama Grupos de trabalho	Papéis sociais Educação para a cidadania Parceria família/ instituição Inclusão social

Iniciou-se o encontro com um aquecimento interno (reflexão individual dirigida) onde foi proposta uma retrospectiva dos encontros (vide anexo 13). Depois foi colocado no centro do círculo uma cadeira com uma bola enorme em cima.

Diretora/ pesquisadora: “Imaginem que esta bola, na cadeira, é a APAE, o que você tem para falar com ela? Fale... Solte pra fora tudo o que você sempre quis dizer!”

Gisele: *“Quero falar sobre a inclusão. Vou levar o Gabriel para ficar na creche. Eu vou estar ajudando. Ele vai estar numa sala com mais três crianças. A idéia é ele ter um trabalho aberto. Eu vou estar na creche ajudando na faxina”.*

O importante é ele ir. E começar a abrir a porta. Não só pra ele, mas pra outras crianças. O seu vai abrir porta pra outros. Eles têm que saber que nossos filhos não são menor que os outros, pelo contrário são até melhor porque eles têm mais carinho, mais inteligência e mais sabedoria. Eles sabem como demonstrar o amor

pra gente. As pessoas que estão lá fora, elas não sabem como que é isso. Eles têm que aprender. Quando eu vou lá na Holcim¹⁹ com o Eduardo os meninos ficam doidos com ele. É diferente pra eles, mas só o carinho que eles dão, isso é que é importante. Tem que acontecer essa inclusão. Nós vamos entrando para outros pais verem. Somos nós que temos que puxar... (ROSA)

Márcia: “A melhora que a Lídia teve, está tendo, eu agradeço muito, muito à APAE. Apoio muito eu tenho. De família não tenho. Então quem sempre esteve perto pra começar o trabalho com ela, a luta mesmo, é com Deus e a APAE. Dezenove anos. Aprendi muito.

Gisele: “Aprendi muito. É como eu falei: a APAE pra nós é o certo e as outras mães têm me ajudado muito mesmo. São muitas lições de vida. Hoje, a APAE é como se fosse minha casa. Se vai bem ou se vai mal...”

Daléia: “A APAE é muito boa. É muito boa pros meninos da gente... Podia ter os médicos. Pra mim eu não deixo a APAE de jeito nenhum. Só se não tiver jeito”.

Ilda:

O que minha filha é hoje, eu agradeço a aqui. Aqui eu aprendo e ensino ao mesmo tempo. Com ela eu aprendo, eu entendo... Jamais eu vou fechar a porta para a APAE. O que eu puder fazer, eu faço. Gosto de participar de tudo. Tudo que eu tenho hoje, eu agradeço. No princípio foi muita luta, foi tristeza, até. Mas hoje pra mim, tudo é alegria...

Darci: “O meu veio pra cá pequenininho. Mandaram pra cá porque teria todos os atendimentos. Vim e fiquei. Tô aqui até hoje. São dezesseis anos. Até hoje, ninguém

¹⁹ Holcim – Nome da fábrica de cimentos que patrocina o projeto Holcim Comunidade de jornada complementar à escola para crianças de sete a catorze anos.

trouxe ele pra mim. Só me afastei no período que estudou lá embaixo.... Mas, pra mim, é minha segunda casa e pro meu filho também”.

Diretora/ pesquisadora: Eliza, agora, você é a APAE. A APAE com suas necessidades, suas buscas, suas dificuldades... e aqui está um grupo de mães dispostas a participar, a contribuir... Fala pra elas, o que você precisa pra fortalecer, pra avançar, pra abrir essas portas que elas estão falando... Fala o que vier à sua cabeça. Não fica pensando...

Eliza/ APAE: *“Acho que precisa encontrar um meio de ganhar renda pra dar continuidade ao trabalho, junto com a família. Eu acho que por mais que gostem, os profissionais precisam de uma remuneração adequada para darem continuidade ao trabalho porque ... precisam pagar água, luz, telefone...”*

Diretora/ pesquisadora: Achar fonte de renda para a APAE?

Eliza/ APAE: *“Para a instituição como um todo... Tanto para a instituição funcionar, quanto para achar meios de geração de renda para as famílias...”*

Gisele: *“Ai, podemos colocar outros profissionais como neurologista...”*

Diretora/ pesquisadora: Então vamos lá! APAE! APAE, você que dá conta das suas obrigações... O que você está precisando, além de dinheiro, para você se sentir mais fortalecida?

Eliza/ APAE: *“As famílias estão um pouco satisfeitas. Mas têm aquelas pessoas que nem sabem o que é a APAE. Sabem que aqui é um lugar que atende crianças com deficiências e não querem ter o trabalho de vir aqui, conhecer o que é a APAE”.*

Ilda: *“Eu acho que a APAE... deveria ter um presidente mais rígido, cobrar mais, pedir o que for necessário, fazer reunião com os pais, exigir mais pra dar andamento... porque sem as rendas mínimas, com as pessoas simples a APAE não tem condições de gerar... deveria aprofundar mais nas necessidades da instituição. Eu acho que tinha que divulgar, que a diretora, a presidência tinha que ter mais garra, procurar mais ...”*

Diretora/ pesquisadora: Ilda, vá para a cadeira.

Ilda: *“Não, não...”*

Nossa intenção, com esta representação do “cadeira do rei”²⁰ era dar autoridade às mulheres do grupo, representantes das famílias, para saírem do papel de “pedir e reclamar” e se colocarem com algum poder de mudança. Porém, nem todas se sentem preparadas ou à vontade nesta posição.

Ilda/ APAE: *“Devia fazer é convocação, procurar gente que tenha mais condição. Mas, não falam com a gente, no rádio não pode ser falado... eu acho que tinha que convocar mesmo um órgão, um órgão maior que a pessoa chegasse e pudesse discutir... Será que pra reunião de pais, não tem uma lei que exige, uma lei mais poderosa...”*

²⁰ Moreno (2003), em suas sessões de Teatro da Espontaneidade (1921, Viena) propôs que alguém da platéia ocupasse o trono do rei (cadeira vazia) e apresentasse suas idéias para tirar o país das inúmeras dificuldades por que passava naquele período da primeira guerra mundial.

Diretora/ pesquisadora: "O poder emana do povo!"

Ilda/ APAE: *"Eu sei que é do povo..."*

Diretora/ pesquisadora: Cadê o povo?

Ilda/ APAE: *"Cadê a Delegada da Apae que não vem participar de nada aqui com a gente... Ela também não é um órgão competente? Tem que procurar incentivar. Não é só ficar com medo...(risos) Mas não é só família que tem que chamar, não... É vereador, é prefeito, professores... empresários... Gente que tenha mais condição. Não somos só nós. Pessoas que têm como chegar ao prefeito, ao governador... A gente não tem como. Como é que eu vou pegar minha sacolinha, tadinha de mim! Eu quero falar com Governador. Quero falar com o Dr.Prefeito. Quero falar com o vereador... Eu acho que isso não funciona".*

Diretora/ pesquisadora: Mas a APAE é muito respeitada... 35 anos... (Falas sobrepostas)

Ilda/ APAE: *"Nem assim... tem que fraturar a cabeça... Igual Dr. Prefeito falou outro dia na rádio, que a briga não é assim... que a parte da APAE está entendendo errado. Mas, por que ele só fica lá enjaulado, não vem aqui pra saber como é que estão as coisas... Eu falei com a Presidente: No dia que você quiser eu vou, eu tenho que me por à disposição porque ... Mas não chamam as mães, não chamam ninguém pra poder ir..."*

Vai lá caladinho, faz o que tem que fazer e depois expõe pra gente o que aconteceu... mas a gente não pode falar..."

Diretora/ pesquisadora: Por que não?

Ilda/ APAE: "Ah! Não pode."

Diretora/ pesquisadora: APAE! Mas você está aí. Fala pra todo mundo como é que tem que ser... Como é que tem que ser a participação da família na reunião da diretoria? Como é que é?

Ilda/ APAE: "Ah! Mas vocês vão ouvir ..."

Gisele: "As mães, infelizmente não têm voz na diretoria. Como vão ter?"

Rosa: "Eu falo. Uma vez me perguntaram o que as mães queriam, eu fui lá e falei!"

Ilda/ APAE: "Não pode deixar as coisas acontecer caladinho... O banheiro tá naquela situação. Tá dando vergonha! Essa piscina aí desse jeito... Aquele parquinho enferrujando no tempo... Aquele galpão pra mim não tem condição... Eu entro lá, Deus me livre, mas eu quase morro de tanta poeira, tanta confusão... Temos que ir à presidência, até o prefeito, ao governador... Se a APAE está em dificuldade... Temos que procurar".

Gisele: *“Pois é, a gente tem que ir pra frente da Câmara, ir pra rua... Os pais, conversar O prefeito foi eleito, mas quem votou nele não sabe o que está acontecendo aqui. Toda segunda-feira tem reunião da Câmara... quase não vai ninguém... Vão propor das mães de irmos um dia...”*

Tereza/ APAE: *“A APAE precisa estar buscando mais parcerias: empresas, pessoas de boa vontade... Aí os uniformes. Valeu a pena! Tem que cuidar das parcerias. Pois é, nós temos que correr, sair batalhando para conseguir...”*

Gisele: *“Doação entre aspas, porque muitas vezes é dinheiro de impostos que não são pagos para a empresa aplicar nesses projetos. As empresas não dão ponto sem nó. Mas se for para o bem, não tem problema...”*

Diretora: *Alguém mais quer sentar no lugar da APAE? Então, vamos compartilhar... nossos sentimentos, sensações durante essa vivência. As pessoas que se sentaram na cadeira... como foi? O que foi difícil, o que não...*

Eliza: *“Tenho muita esperança que as coisas agora encontrem um caminho que nos dê um caminho melhor do que foi até agora...”*

Gisele: *“Conversar com os órgãos, com as pessoas competentes para falar como pode melhorar, como pode ser...”*

Ilda: *“Em relação aos dirigentes, deveriam exigir uma resposta. Saber quando que terão a resposta. Porque a pessoa cansa. Cobrar da gente também porque nós também*

podemos buscar. Cobrar da gente... Como pedir, exigir e cobrar da gente pra saber se ta certo ou errado.”

Márcia: “Se vamos representar, temos que saber o que falar...”

Ilda: “Daqui dois anos minha filha não estará mais na escola... Fico pensando assim, se tivesse alguém com mais qualificação. Escola faz muita falta... Fico pensando... ela tem vinte anos que está aqui, não sabe assinar o nome! Quem sabe se cobrasse mais dela, quem sabe? A gente não sabe se daqui dois anos vai estar diferente.”

Rosa: “Tem coisa que a APAE não investe. Pro Festival de Artes. Nós sabemos que tem APAE que trabalha o ano inteiro para participar. Aqui não. É só em cima da hora e a gente vê que os meninos têm condições.”

Ilda:

“Quando vai alguém pro Congresso, com patrocínio pra ajudar nas passagens, nas despesas... Aí a pessoa chega de lá, e nada... Nós estamos aqui, mas quem não está por perto não fica sabendo de nada. Podia ser combinado que quem vai, depois chegar para os outros e falar que foi isso, que foi aquilo... a gente fica sem saber de nada. Às vezes alguém de fora pergunta pra gente e a gente não sabe o que falar. É muita falta de comunicação. A gente precisa saber. Somos seres humanos. Se é difícil ir a um Congresso, a uma palestra, nossos filhos estão aqui. Precisa ter mais comunicação.”

Tereza: “A questão da participação é fundamental.”

Ilda: “A gente aprende. Tem gente que fica quieta, caladinha... Se chamasse mais, a pessoa ia começando a falar, a participar...”

Aqui, vale destacar a contribuição da metodologia sócio-psicodramática como estratégia para favorecer a participação considerando que as etapas de organização dos encontros foram criando um clima favorável para a expressão dos sentimentos e pensamentos que levaram ao resgate ou surgimento da espontaneidade enquanto a resposta inovadora e adequada para as antigas e novas situações.

Como proposta de conexão entre o que foi discutido e apresentado na realização desses encontros, buscou-se respostas para a seguinte questão: Com o que posso contribuir? Pedimos que escolhessem um objeto pessoal para simbolizar:

Eliza: (mostrou sua bolsa feita por ela) *“Com o artesanato para gerar renda.”*

Lúcia: (chave) *“Para abrir corações e fazer um trabalho melhor.”*

Tereza: *“Amor e disposição para ajudar.”*

Márcia: *“Bom humor e disposição para ensinar artesanato.”*

Rosa: *“Amizade e ouvidos abertos para ouvir.”*

Bete e Rita: *“Amizade sincera.”*

Geralda: *“Sou pau pra toda obra, em prol dos outros.”*

Nesta atividade, observamos em primeiro lugar como as mães se sentem agradecidas à instituição que acolheu aos seus filhos especiais. Percebemos, logo no início, na fala de Gisele a coragem para matricular seu filho numa creche de crianças “normais”, ao reconhecer que ele também tinha algo a oferecer a outras crianças (o afeto) e não só para receber (o aprendizado do convívio social e da diversidade social).

Ao assumirem a autoridade da “cadeira do rei” emergiu com mais intensidade sua identidade de cidadãs, de forma ativa e participativa. Pela primeira vez, atuaram de forma política, vislumbrando possibilidades de mudanças reais, através de sua própria ação conjunta.

Ao encerrarmos o último encontro, vislumbramos o quanto o Psicodrama contribuiu para que todas as participantes, ao final, oferecessem suas habilidades, seus talentos, sua disposição, seus sentimentos e experiências em prol da concretização da proposta de fortalecimento da parceria família/ instituição.

4.2 O Plano de Ação

Na parte final do último encontro foram apresentados os problemas apontados no encontro anterior. Eles foram categorizados em cinco itens: atendimento, relacionamento, ações pedagógicas, parcerias com a família e como melhorar a participação das famílias na Diretoria. As participantes se dividiram em grupos de até quatro pessoas para discutirem o que, realmente significavam aquelas faltas, aqueles

problemas e para pensarem/ proporem sugestões para que fossem solucionados. Depois apresentaram suas sugestões à plenária, para complementá-las.

Os dados obtidos permitiram a elaboração de um Plano de Ação (vide anexo 15) para implementar a parceria APAE/ Família. Para cada aspecto foram apresentadas justificativas e sugeridas estratégias para sua efetivação.

Para os *problemas de relacionamento* foi sugerido promover a ampliação dos espaços de escuta dos pais por meio de reuniões e grupos psicoterapêuticos. Desta forma terão condições de compreender melhor o diagnóstico dos filhos, de se sentirem respeitados e acolhidos em seus sentimentos e de envolverem os demais membros da família no processo de reabilitação da pessoa em questão.

Em relação às *ações pedagógicas* citam ações que favoreçam um melhor aproveitamento dos recursos e atividades da instituição em prol da aprendizagem dos alunos para envolver a família, permitindo maior compreensão dos programas escolares e contribuindo efetivamente na elaboração do plano de desenvolvimento individual dos filhos. Além de aproveitarem os espaços comunitários (feira de artesanato, horas dançantes, outros) para busca de parcerias para a instituição e de lazer para a família.

Quanto aos *atendimentos médicos* propõem que a instituição busque por médicos voluntários, que solidariamente iriam atender os alunos na própria APAE, reduzindo um deslocamento a mais da mãe/ acompanhante para lugares mais distantes e de acesso difícil.

No item *parceria com a família*, encontramos sugestões para realização de cursos com vistas a melhorar a capacidade da família/ mãe de gerar renda, ter informações sobre temas atuais e outros relacionados às fases de desenvolvimento dos filhos. Além de permitirem a ocupação do tempo de maneira útil e agradável; aulas de natação como espaço de lazer e cuidado com a saúde. Os responsáveis por estas ações seriam profissionais/ voluntários buscados nas famílias e outros voluntários que poderiam contribuir começando pela busca de parceria para restaurar a piscina.

O último aspecto está relacionado a *melhorar a participação das famílias na Diretoria*, uma vez que, as mães participantes dos encontros que estão ou já estiveram nesses espaços, não se sentem ouvidas nem representadas e para fortalecer a sentimento de pertencimento à instituição. Como estratégias propõem a criação de critérios para indicação dos familiares, criação de espaços de escuta e de sugestões, capacitação e encorajamento para o exercício da representação. Este último item aponta para uma posição mais ativa e de engajamento em prol de uma mudança mais profunda, ao contrário dos outros que, se denotam falhas institucionais a serem resolvidas, demonstram, por outro lado, a tendência em manter o modelo atual de “atendimento” da APAE às famílias.

Esgotado o tempo, a diretora/ pesquisadora assumiu o compromisso de sistematizar as informações no Plano de Ação, vislumbrado desde o início do trabalho, para encaminhamento à diretoria e gerência da instituição, como uma contribuição da pesquisa e do grupo para o fortalecimento da parceria família/ instituição.

4.3 Conclusões

Desde o início do trabalho verificamos que o grupo está familiarizado com as concepções inclusivo-transformadoras que permeiam a compreensão da pessoa com deficiência e que orientam o foco dos trabalhos de reabilitação e educação desenvolvidos pela instituição. Enquanto cidadãs, reconhecem seus direitos e se dispõem a cumprir com seus deveres desde que seus filhos não sejam penalizados com o preconceito e a discriminação.

Verificamos que apesar das falas apresentadas convergirem para a disponibilidade e importância da participação familiar na instituição, há uma lacuna entre estas colocações e a efetiva participação enquanto protagonistas de suas reais necessidades. Ficou evidenciado que o trabalho de participação das famílias na APAE, numa perspectiva de cidadania ativa, só é possível com um trabalho de conscientização dos membros das famílias, especialmente quanto à igualdade de gênero. Em relação às mulheres, é preciso trabalhar mais a “base”, seus direitos e sua identidade enquanto mulher numa sociedade contemporânea, em busca de maior igualdade entre os gêneros. Em relação aos homens, é preciso ainda buscar formas de atrair sua atenção para a educação e acompanhamento dos filhos com deficiências, tanto numa perspectiva de “dever”- assumirem as funções de cuidadores de seus filhos/as junto às mães, como de “direito”, o direito de assumirem integralmente a paternidade.

Em relação à participação da família na instituição, há uma análise positiva das participantes quando relatam que percebem a família presente e participativa, que

conseguem si posicionar enquanto responsáveis pelo processo educativo e de reabilitação dos filhos, que vislumbram uma maior escuta e participação nas instâncias deliberativas da instituição. Embora falem da importância do pai participar para conhecer o trabalho, compreender melhor o filho e a situação das próprias mães, são elas que fazem de tudo para garantir ao filho com deficiência e à família a assistência necessária deixando para trás empregos, estudos e até o casamento!

A geração de renda foi apontada várias vezes como uma expectativa a ser retomada pela instituição em prol das famílias. Cabe à instituição reforçar o papel “secundário” das mães do ponto de vista financeiro ou profissional? Ou o caminho é uma transformação maior no sentido de mudanças estruturais mais profundas destas famílias, em prol de maior autonomia das mulheres e de uma participação global das “famílias” e não só das mães?

A identificação de cada uma das mães com seu filho, bem como do seu processo de amadurecimento, nos permitiu verificar a manifestação das etapas vividas pelas famílias de uma pessoa com deficiência: a negação da deficiência, a dificuldade com a aceitação da deficiência, o isolamento social e às vezes até familiar, os diferentes posicionamentos em relação a si própria, as dificuldades em desempenhar outros papéis além do de “mãe especial” especialmente, o papel de mulher. Reconhecem que se anulam em função do filho com deficiência. Para algumas, esta simbiose pode ser analisada como uma defesa ou proteção contra a frustração no vínculo conjugal – que se manifesta pela falta de apoio e participação do marido na educação dos filhos. As mais jovens se vêem como quem corre atrás e não demonstraram estar num lugar tão cristalizado quanto as mais velhas, provavelmente devido às mudanças mais recentes

nas relações de gênero, com maior autonomia da mulher em nossa sociedade. Além de apontarem as desigualdades sociais de gênero, revelam que estas ainda são maiores em famílias com filhos deficientes, porque a mãe se sobrecarrega com os cuidados especiais e não têm acesso ao próprio desenvolvimento profissional.

Apesar de termos abordado questões sociais relacionadas à deficiência: preconceito, inclusão/ exclusão, credibilidade, educação/ reabilitação; deficiência vista como doença e busca pela cura, foi possível perceber pouco conhecimento dos seus direitos / deveres, enquanto membros de uma comunidade, de uma associação, resultando daí a dificuldade para o engajamento e participação no seu contexto real e cotidiano. Há movimento constante em busca de algo ou alguém que possa inovar ou renovar as esperanças de melhoria da situação do filho, quando ficou evidente a importância do vínculo do profissional com a criança e a mãe: Quanto mais positivo, mais credibilidade e assertividade quanto às prescrições e intervenções.

A inclusão escolar e a educação inclusiva foram discutidas sob o ponto de vista das mães, do quanto elas têm medo do preconceito e do receio dos filhos não terem atendidas suas reais necessidades. Refletiram o tanto que a escola precisa se modificar para fazer uma prática pedagógica adequada aos alunos com necessidades especiais e que a mesma, por ainda não sabe lidar com as diferenças, acabam colocando-as em evidência prejudicando o processo educacional das crianças. Quanto à inclusão social, é diferente. Se posicionam junto da instituição enquanto mediadoras, enquanto cidadãs que buscam pela garantia dos direitos de seus filhos e enquanto responsáveis por mudar a opinião da sociedade a respeito das pessoas com deficiência.

Além de cuidadora, os papéis que a família pode desempenhar na instituição são sinalizados pelas próprias participantes quando relatam suas tentativas de conhecer mais a organização institucional, de estar mais atuantes na diretoria, de contribuir com suas habilidades e conhecimentos pessoais para o fortalecimento da entidade, para que ela seja respeitada e conhecida por todos, independente de ser familiar ou usuário de seus serviços.

Em relação à metodologia sócio-psicodramática, desde o primeiro encontro, percebemos sua contribuição para diagnóstico do modo de ser e de se manifestar das mulheres; através das cenas dramatizadas no decorrer dos demais encontros, foram se evidenciando as relações familiares, especialmente as dificuldades das mulheres saírem da simbiose com seus filhos com deficiência, devido à ausência ou pouca participação dos pais. O sociodrama final, da “cadeira do rei”, propiciou a estas mulheres submersas no mundo de seus filhos, experimentarem e assumirem no “como se”, posição de poder perante a Instituição, vislumbrando possibilidades de mudança real em suas vidas e em suas relações familiares, objeto da pesquisa. Porém, esta mudança é gradual e depende de mais intervenções psicossociais no sentido de se alcançar as metas estabelecidas por elas mesmas no Plano de Ação, de forma especial a capacitação e o encorajamento para o exercício da representação.

Pudemos perceber que durante os encontros as participantes conseguiram falar, expressar suas expectativas, suas frustrações e se dispuseram a agir diante dos desafios lançados a cada atividade, revelando espontaneidade crescente, o que denota

a adequação da metodologia sócio-psicodramática aplicada. A metodologia também favoreceu a evolução do grupo sinalizada pela liderança representativa que levou para a assembléia as discussões dos pequenos grupos; a rede de opiniões e posicionamentos que foram se complementando, o envolvimento na tarefa e conseqüente realização de forma criativa, adequada, espontânea e a crescente consciência da importância do outro para a transformação da realidade cotidiana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar esta pesquisa trouxe-nos a possibilidade de estarmos junto de um grupo de mulheres bem distinto da cultura institucional que tende a colocar a família como um elemento mais distante e pouco disposto a se engajar nos espaços de deliberação institucionais. Por meio dos encontros e da metodologia sócio-psicodramática utilizada, pudemos criar climas favoráveis à exposição, discussão e debates a respeito das diversas questões que envolvem a família da pessoa com deficiência, a própria questão da deficiência e da participação dessa família na instituição .

A transformação que buscamos em relação ao desafio da participação da família, necessita ampliar os momentos de encontro e real escuta das mães, pais, irmãos e, daqueles que cuidam e são o apoio necessário para que os alunos revelem o melhor e o maior de si. Pois, em cada um, há uma criança, um adolescente, um adulto, enfim uma pessoa que tem desejos, preferências, que manifesta sua satisfação e descontentamento...

Na Introdução desse trabalho, quando apresentamos as justificativas para sua realização, encontramos a disponibilidade da instituição tê-lo como uma contribuição para compreender melhor o *lugar das famílias nesta instituição de atendimento à pessoa com deficiência*, bem como de buscar subsídios para uma intervenção mais eficaz. Sendo assim, encaminhamos à Diretoria e gerência o Plano de Ação, elaborado com a participação das mães e irmãos que compuseram o grupo da pesquisa. Vale

ressaltar que o mesmo deve ser visto como um recurso para a implantação e implementação de ações sistemáticas junto às famílias. Sugerimos que, definido o profissional responsável por sua implementação, se convoque novamente as famílias, especialmente as participantes do grupo de pesquisa, para referenda-lo e complementa-lo a partir das reflexões proporcionadas pelos resultados ora apresentados.

Cabe à instituição fomentar a crença que os espaços sociais devem se abrir para conviver com a diversidade humana, criar mais espaços de debate sobre o tema, inclusive entre as famílias, as pessoas com deficiências e as escolas públicas e privadas.

Para finalizarmos torna-se importante ressaltarmos o papel de provedora que a referida instituição vem exercendo para as famílias quando se preocupa em atender às demandas de cursos e estratégias de geração de renda. Há de se ter cuidado com esta função para que a APAE avance da posição assistencialista para ser realmente inclusiva transformadora formando cidadãos conscientes de sua importância enquanto agentes transformadores de seu mundo e protagonistas de sua história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Isabel R.B. Sociodrama Multifamiliar Tematizado: Humanizando o Atendimento aos Indivíduos Portadores de Transtorno Psíquico. **Revista Brasileira de Psicodrama**, Brasília, v. 9, n. 01, p. 93 – 101, 2001

BENEDITO, Vanda I. et al. Rematrizando a Relação Pais-Filhos. In: GONÇALVES, Camila. **Psicodrama com Crianças** Uma Psicoterapia Possível. São Paulo: Ágora, 1988

BUSTOS, Dalmiro. **Novos Rumos do Psicodrama**. São Paulo, Ed. Aleph, 1990

CARVALHO, M. GRAZIELLA S. **Escola para Pais: O Psicodrama como Recurso de orientação de pais e promoção de saúde mental dos filhos**, A Família e Saúde Mental, In: São João Del Rei – MG – p. 17

FENAPAE. **Legislação Comentada para Pessoas Portadoras de Deficiência e Sociedade Civil Organizada** Brasília, 2001

. **Eixo Referencial de Atuação**. Brasília, 1997

. **Ciclo de Debates**. Brasília, 1997

FREYRE, Dayci I. Psicodrama com Grupos Familiares. In: BUSTOS, D. (Org.) **O Psicodrama** Aplicações da Técnica Psicodramática. Summus Editorial, 19...

KELLERMANN, Peter F. Os alicerces da inversão de papés. In: _____ **O Psicodrama em Foco e seus Aspectos Terapêuticos**. - São Paulo, Ágora, 1994

MALUFE, Annita B; Szymanski, Heloisa. O Psicodrama e o Trabalho Educativo com Famílias. In: PUTTINI, Escolástica e LIMA, Luzia M. S. **Ações Educativas: Vivência com Psicodrama na Prática**. São Paulo, Ágora, 1997

MENEGAZZO, Carlos M; TOMASINI, Miguel A; ZURETTI, María M. **Dicionário de Psicodrama e Sociodrama**. São Paulo: Ágora, 1995

MEYER, Donald, J. **Pais de Crianças Especiais** Relacionamento e Criação de Filhos com Necessidades Especiais. 1ª ed. São Paulo: M.Books do Brasil Editora Ltda, 2004

MINUCHIN. **Conceito de Família**. Em 1990 citado em **Google**, São Paulo, 2003. Acesso em set/ 2007

MORENO, Jacob L. **Psicodrama**. 9ª ed. São Paulo: Cultrix, 2003

MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. 13ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2003

NERY, Maria da Penha. **Vínculos e Afetividade** Caminhos das Relações Humanas. São Paulo: Editora Ágora, 2003

REGEN, Mirna. A Participação da Família no Movimento Apaeano – In: Federação das APAEs do Estado de Minas Gerais. **Programa de Desenvolvimento Técnico** módulo 2 – Belo Horizonte, 2001 – p. 151 a 178

VALE, M. José. **Educação e Cidadania** - texto recebido por e.mail zoemc@oi.com.br em agosto de 2006

VALE, Zoé, M. C. **Classificação dos Métodos Sócio-psicodramáticos**. Apostila para o Curso de Especialização em Psicodrama. Belo Horizonte: IMPSI, 2003

O Ciclo Vivencial Psicodramático de Aprendizagem. Apostila para o Curso de Especialização em Psicodrama. Belo Horizonte: IMPSI, 2005

ANEXOS

Anexo 1: Ficha de Inscrição

EU, MINHA FAMÍLIA E A APAE

NOME: _____ IDADE: _____
PROFISSÃO: _____

Responda às questões abaixo:

Estudei até:

- | | |
|---------------------------------------------|------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 1ª série | <input type="checkbox"/> Ensino Médio |
| <input type="checkbox"/> 4ª série | <input type="checkbox"/> Ensino Superior |
| <input type="checkbox"/> Ensino Fundamental | |

Moro em:

- | | |
|-----------------------------------------|-------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Confins | <input type="checkbox"/> São José da Lapa |
| <input type="checkbox"/> Matozinhos | <input type="checkbox"/> _____ |
| <input type="checkbox"/> Pedro Leopoldo | |

Minha família é composta por:

- | | |
|----------------------------------------|--------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> duas pessoas | <input type="checkbox"/> 6 a 8 pessoas |
| <input type="checkbox"/> 3 a 5 pessoas | <input type="checkbox"/> mais de 8 pessoas |

Qual a idade do meu filho/ minha filha que frequenta a Apae?

- | | |
|--------------------------------------|------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 0 a 3 anos | <input type="checkbox"/> 11 a 14 anos |
| <input type="checkbox"/> 4 a 6 anos | <input type="checkbox"/> 15 a 18 anos |
| <input type="checkbox"/> 6 a 10 anos | <input type="checkbox"/> mais de 18 anos |

Qual programa/ serviço ele/ ela frequenta? Pode marcar mais de um:

- Educação Precoce
- Educação Infantil
- Ens. Fundamental sem seriação
- Ens. Fundamental com seriação
- Educação de Jovens e Adultos
- Educação Profissional
- Naso
- Atendimento clínico em _____

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, participante do Curso: Eu, minha família e a Apae autorizo a utilização das imagens e informações obtidas durante os encontros para fins de estudos e pesquisas.

Local e data:

Assinatura:

Anexo 2: Roteiro do I Encontro - POR QUE ESTAMOS AQUI?

I - Objetivos:

- Apresentar a diretora (Isabel) e o apoio (André)
- Apresentar a proposta de trabalho – projeto de pesquisa do Curso de Psicodrama que vem ao encontro de uma das necessidades da instituição de buscar por novas formas de parceria junto às famílias.
- Apresentar a metodologia – participativa, pautada nos princípios do Psicodrama, dinâmica de grupo e do Projeto Águia.
- Estabelecer o contrato de trabalho: formal e psicológico.

II – Métodos: Jogos sociométricos, duplas e grupos de trabalho, exposição dialogada

III – Etapas do CVPA

Etapa	Descrição da Atividade	Recursos	Tempo Previsto
1) Aquecimento inespecífico: a) Jogos corpo-espaço b) Jogos sociométricos: Que grupo é esse?	a) Convidar a todos que se levantem e caminhem pela sala observem o ambiente. b) Em círculo, vão ao centro as pessoas com as características solicitadas: idade, onde mora, se têm filhos; quem fica no Núcleo de Mães; os filhos vem na kombi da Apae; quem já participou de Cursos na Apae; quem já foi ou é da Diretoria e Conselhos da Apae; quem participa de movimentos sociais, Igrejas, associações...	Som CD de música instrumental	10 min 15 min
2) Aquecimento específico: O que diz aí?	Formar duplas a partir das frases recebidas na chegada. Discutir. Reunir com outra dupla de acordo com a cor da escrita.	Palavras escritas	10 min 15 min
3) Ação: Onde	1) Dividir em grupos (coordenador e um relator)		20 min

estamos?	para discutir o papel da família. 2) Plenária 3) Relaxamento: Qual minha posição diante do que foi apresentado? O que quero?	Frases para os grupos; papel e lápis CD	20 min 5 min
4) Compartilhar	Falar dos sentimentos e impressões que tiveram durante toda a vivência.		30 min
5) Processamento	Para onde queremos ir? Contextualizar com a concepção inclusivo-transformadora.	Lâminas (anexo) + retroprojetor	15 min
6) Conexão	Convidar a todos que se posicionem – sem receios – quanto a permanecer ou não no Curso.		10 min
Tempo total			2h 30min

Anexo 3: CONCEPÇÕES ACERCA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

EXISTENTES NO MOVIMENTO APAEANO

CONCEPÇÃO	PAPEL DA APAE	RELAÇÃO COM A FAMÍLIA
Segregacionista assistencialista <i>Conceito: pessoa comprometida nas diferentes áreas de sua individualidade. Diagnóstico tardio.</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Centrar-se na questão do atendimento e oferecer tratamento especializado; ○ Proteger a pessoa com deficiência de seus próprios impulsos – não é preciso suporte técnico conceitual; ○ Respeitar o desejo e limites de cada família 	<ul style="list-style-type: none"> ○ A decisão de matricular o filho deve ser respeitada; ○ À família cabe apenas o seu papel doméstico, raramente são chamados a participar; ○ É poupada de maiores envolvimento com a problemática da pessoa com deficiência.
Integrativa adaptadora <i>Conceito: Pessoa com características diferentes dos demais merecendo tratamento especializado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Oferecer tratamento especializado, contribuindo para a melhoria de sua qualidade de vida; ○ Regular a manifestação de seus desejos, evitando situações constrangedoras (instrumentalização nas AVDs, oficinas protegidas, etc); ○ Há limite na evolução da pessoa com deficiência; ○ Divulgar os direitos, mas respeitando as condições para seu exercício e a decisão individual. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ Sendo geralmente, desprovidas de recursos financeiros e formação escolar, à família não é creditadas grande responsabilidade na educação do filho com deficiência; ○ A família é chamada a participar quando necessário.
Inclusivo transformadora <i>Conceito: Ser humano dotado de sentimentos, emoções, elaborações mentais. A deficiência é apenas uma de suas características individuais.</i>	<ul style="list-style-type: none"> ○ Possibilitar o desenvolvimento do potencial da pessoa com deficiência, melhorando sua qualidade de vida; ○ Oferecer diferentes condições e técnicas para favorecer a manifestação da individualidade e melhorando as condições da pessoa com deficiência viver em sociedade; ○ Assegurar a observação e divulgação dos direitos da pessoa com deficiência; ○ Sensibilizar a sociedade para a causa da pessoa com deficiência, reduzindo seus preconceitos. 	<ul style="list-style-type: none"> ○ A família é envolvida no esforço educativo; ○ É papel da família contribuir para a aceitação da pessoa com deficiência; ○ Os pais são chamados a participar da vida da instituição.

CONCEPÇÃO	RELAÇÃO COM A SOCIEDADE
Segregacionista assistencialista	<ul style="list-style-type: none"> ○ Espontânea e não cabe à APAE estimulá-la a contribuir e a participar; ○ Não tem a obrigação de sustentar o Movimento apaeano; ○ Isenta de qualquer responsabilidade; ○ A liberação de recursos públicos é uma decisão do executivo, dentro de suas possibilidades; ○ A rede regular de ensino não é adequada à pessoa com deficiência; <p>A inserção no trabalho não é prioridade.</p>
Integrativa adaptadora	<ul style="list-style-type: none"> ○ Sensibilizada é estimulada a contribuir porém, não deve ser constrangida. A colaboração é pessoal; ○ O poder público deve ser envolvido no financiamento, sem muitas expectativas devido a outras prioridades; ○ A inserção da pessoa com deficiência na escola regular deve ser um trabalho de convencimento da direção; ○ A rede regular de ensino é estimulada a aceitar as pessoas com deficiências, porém sem prejudicar a maioria em nome de um pequeno grupo; <p>As empresas devem permitir o acesso da pessoa com deficiência, mas não espera-se que o senso humanitário sobreponha o empresarial.</p>
Inclusivo transformadora	<ul style="list-style-type: none"> ○ Ampliada a consciência de seu posicionamento frente à APAE e à pessoa com deficiência, não sendo mais poupada de defrontar-se com a problemática da pessoa com deficiência; ○ Tem o dever de se implicar com a causa; ○ O poder público deve repassar verbas e estabelecer convênios, como decorrência do papel e não como uma deliberação pessoal de seus administradores; ○ A rede regular de ensino é responsável pela inserção da pessoa com deficiência nos níveis de ensino e socialização; ○ A escola regular deve se equipar para garantir acesso à pessoa com deficiência; ○ As empresas devem abrir vagas em seus quadros para a pessoa com deficiência; <p>As vias públicas, prédios e meios de transporte devem incluir sistemas de facilitação de trânsito e acessibilidade à pessoa com deficiência.</p>

Fonte: FENAPAE. . **Eixo Referencial de Atuação**. Brasília, 1997

Anexo 4: Roteiro do II Encontro - QUEM SOMOS NÓS?

I - Objetivos:

- Apresentar os participantes do grupo.
- Identificar as representações sociais da pessoa com deficiência e de sua família.
- Identificar os papéis dos membros da família de uma pessoa com deficiência.

II – Métodos: Jogos sociométricos, role playing, sociodrama

III – Etapas do CVPA:

Etapas	Descrição da Atividade	Recursos	Tempo
Aquecimento de chegada	Acolher os participantes	Som com CDs de música instrumental	5 min
Aquecimento grupal: Jogos sociométricos	Convidar os presentes para caminhar pela sala observando as pessoas: Com quem irei me relacionar hoje? O que irei aprender com elas? O que tenho para contribuir? O que me fez retornar? Agora, enquanto caminham vamos preparar nosso corpo para uma boa situação de aprendizagem: movimentar...		5 min 5 min 10 min

Aquecimento corpo/ espaço	Convidar para assentarem numa posição confortável. Fechar os olhos.		
Atividade: Inversão com o filho	Apresentação: Duas cadeiras de frente uma para outra em lugar de destaque no círculo. Cada uma vai se colocar no lugar de seu filho (irmão, sobrinho) com deficiência e imaginar como que ele apresentaria você para este grupo. Apresentações: primeiro vai falar sobre seu filho DEPOIS: imagine que na cadeira vazia está você e que seu filho vai apresentá-la.	OBS: FICAR ATENTA PARA A REPRESENTAÇÃO DO PAPEL. Se houver choro: O choro é de quem? Do filho ou da mãe? OCUPAR A RESPECTIVA CADEIRA. Acolher	5 min 40 min
Sociodrama	Propor que se separem em quatro subgrupos a partir das apresentações. Aquecimento interno: Vocês já se lembraram como foi a mobilização da família para vir para a Apae. Retome esta mobilização e acrescente a ela: como foi a chegada na Apae? Qual foi um momento marcante de sua história na Apae? Nos subgrupos: 1) cada uma terá no máximo dois minutos para contar; 2) Escolher dentre as histórias, uma para ser dramatizada. O autor concorda, quer? 3) Preparar a dramatização: distribuir os papéis (quem vai ser quem), definir as cenas (a mobilização, a chegada e o fato marcante), o cenário (colocar alguma coisa que o caracterize) Obs. O autor pode representar ele mesmo ou o filho. Dramatização: Cada grupo terá até seis minutos para apresentar, dois minutos para cada cena.		5 min 5 min 5 min 10 min 5 min 40 min
Compartilhar	Quais sentimentos, sensações tive durante a vivência da atividade?		20 min
Processamento	O que apareceu sobre o papel de mãe... de		

	pai... sobre a pessoa com deficiência... sobre a família?		15 min
Conexão	Individualmente: De tudo que aconteceu hoje: O que foi mais marcante? Em casa, para quem posso contar o que aprendi hoje? SE HOUVER TEMPO, COMUNICAR: Para quem?		10 min
Total			2h 55 min

Anexo 5: Roteiro do III Encontro - QUE GRUPO É ESSE?

I - Objetivos:

- 1) Favorecer as interações grupais.
- 2) Resignificar os papéis familiares.

II – Métodos: Exposição dialogada, GVGO, questionário de observação

III – Etapas do CVPA

Etapa	Descrição da Atividade	Recursos	Tempo
Aquecimento de chegada	Acolher os participantes	Som com CDs de música instrumental	5 min
Aquecimento para o tema	Exposição apoiada em lâminas sobre “Grupos” e suas principais características.	Lâminas sobre grupos.	15 min
Aquecimento grupal	Em círculo, convidar os participantes para saudarem umas às outras com a consigna: jogar a almofada, falando algo de quem recebe que ficou marcado do encontro passado.	Almofada pequena.	10 min
Atividade	Repetir até perceber que esgotou. GVGO – Dois grupos: Um grupo (A) vai fazer uma atividade. O outro grupo (B) vai observar o funcionamento do grupo. Depois vamos inverter e ao final cada um apresenta suas observações para o outro. Distribuir as tarefas. (Roteiro da Fela M. em anexo) 1ª fase:	Papel craft Lápis cera e pincéis Roteiro para observação Lápis para todas Texto sobre grupos.	5 min 20 min

	<p>Grupo A: Imaginar uma família ideal e desenhar.</p> <p>Grupo B: Observar como o grupo A está trabalhando.</p> <p>2ª fase:</p> <p>Grupo B fazer um cartaz, a partir da observação feita ao grupo A, apontando cinco pontos relevantes que apareceram durante a execução da tarefa, inclusive falas. Três pontos devem ser de comparação entre o pai e a mãe.</p> <p>3ª fase:</p> <p>Os dois grupos se reúnem para avaliar o outro, de acordo com as orientações; em seguida faz sua própria avaliação, como se percebeu como grupo.</p> <p>4ª fase:</p> <p>Plenária – Os dois grupos apresentam suas conclusões.</p> <p>Fechar relacionando com este grupo. Texto.</p>		<p>20 min</p> <p>20 min</p> <p>10 min</p> <p>10 min</p>
Compartilhar	Quais meus sentimentos e percepções a respeito do conteúdo dos trabalhos?		20 min
Processamento	O que apareceu permitiu fazer uma avaliação dos papéis familiares?		15 min
Conexão	O que preciso mobilizar na minha família para aproxima-la da família ideal? O que preciso fazer? Com quem preciso falar?		
Total			2h 30min

COMO ESTAVA O GRUPO?

Para saber como o grupo funcionou, observe os seguintes aspectos:

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> Houve muita cordialidade | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Houve muita agressividade | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Os membros estavam apáticos e desinteressados | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Alguns membros dominaram a reunião | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Precisaram de auxílio | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Grande parte da conversaçã fugia do problema real | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Estavam realmente envolvidos com a tarefa | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Os membros se trataram com cortesia | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Havia muita irritaçã reprimida | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Trabalharam os nossos problemas interpessoais do momento | <input type="checkbox"/> |

COMO ESTAVA O GRUPO?

Para saber como o grupo funcionou, observe os seguintes aspectos:

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------|--------------------------|
| <input type="checkbox"/> Houve muita cordialidade | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Houve muita agressividade | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Os membros estavam apáticos e desinteressados | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Alguns membros dominaram a reunião | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Precisaram de auxílio | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Grande parte da conversaçã fugia do problema real | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Estavam realmente envolvidos com a tarefa | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Os membros se trataram com cortesia | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Havia muita irritaçã reprimida | <input type="checkbox"/> |
| <input type="checkbox"/> Trabalharam os nossos problemas interpessoais do momento | <input type="checkbox"/> |

CONTEÚDO APRESENTADO NAS LÂMINAS

GRUPOS

UM GRUPO É FEITO DE DUAS OU MAIS PESSOAS.

DESDE QUE NASCEMOS ESTAMOS PARTICIPANDO DE UM GRUPO: **A FAMÍLIA.**

NA FAMÍLIA CADA UM É DIFERENTE DO OUTRO E TEM UMA FUNÇÃO DIFERENTE. POR ISTO, CADA MEMBRO DA FAMÍLIA É MUITO IMPORTANTE.

EM QUALQUER GRUPO CADA PARTICIPANTE É DIFERENTE. MAS TODOS QUEREM CHEGAR A UM OBJETIVO COMUM. **É COMO UM JOGO DE FUTEBOL!** NUM GRUPO, AS PESSOAS NÃO PRECISAM PENSAR IGUAIS. PORQUE AO COMPARAR OPINIÕES DIFERENTES, AS PESSOAS APRENDEM COISAS NOVAS.

UM GRUPO FUNCIONA BEM QUANDO TEM UM OBJETIVO COMUM. NOS MOMENTOS DE DIFICULDADE É PRECISO ESCLARECER O QUE ESTÁ ACONTECENDO. E DAÍ, MUDAR PARA MELHOR.

PARA O GRUPO EXISTIR...

COMUNICAÇÃO: AS PESSOAS DESDE QUE NASCEM TÊM NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO. SABE QUE PRECISA DA AJUDA DOS OUTROS.

COMO SERIA O MUNDO SE NÃO NOS COMUNICÁSSEMOS?

PARTICIPAÇÃO: É USAR A CABEÇA COM VONTADE DE REALIZAR, COM EMOÇÃO.

É NÃO SER INDIVIDUALISTA.

LIDRANÇA: LIDERAR É UM DIREITO DE TODOS. LIDERA QUEM NÃO SE CALA, QUANDO SENTE QUE PODE FAZER ALGUMA COISA PARA O GRUPO E PARA SI.

A FUNÇÃO DA LIDRANÇA É REALIZAR A TAREFA.

PARA ISTO O GRUPO PRECISA TER CLARO:

- 1) A TAREFA É UMA NECESSIDADE?
- 2) COMO FAZER A TAREFA?
- 3) OS PROBLEMAS ESTÃO SENDO RESOLVIDOS?

Referência Bibliográfica:

GAYOTTO, Maria Leonor e outros. Líder de Mudança e Grupo Operativo – Editora Vozes, Petrópolis, 1985

Anexo 6: Grupos – apresentado em lâminas no 3º encontro**GRUPOS**

UM GRUPO É FEITO DE DUAS OU MAIS PESSOAS.

DESDE QUE NASCEMOS ESTAMOS PARTICIPANDO DE UM GRUPO: **A FAMÍLIA.**

NA FAMÍLIA CADA UM É DIFERENTE DO OUTRO E TEM UMA FUNÇÃO DIFERENTE. POR ISTO, CADA MEMBRO DA FAMÍLIA É MUITO IMPORTANTE.

EM QUALQUER GRUPO CADA PARTICIPANTE É DIFERENTE. MAS TODOS QUEREM CHEGAR A UM OBJETIVO COMUM. **É COMO UM JOGO DE FUTEBOL!** NUM GRUPO, AS PESSOAS NÃO PRECISAM PENSAR IGUAIS. PORQUE AO COMPARAR OPINIÕES DIFERENTES, AS PESSOAS APRENDEM COISAS NOVAS.

UM GRUPO FUNCIONA BEM QUANDO TEM UM OBJETIVO COMUM.

NOS MOMENTOS DE DIFICULDADE É PRECISO ESCLARECER O QUE ESTÁ ACONTECENDO. E DAÍ, MUDAR PARA MELHOR.

PARA O GRUPO EXISTIR...

COMUNICAÇÃO: AS PESSOAS DESDE QUE NASCEM TÊM NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO. SABE QUE PRECISA DA AJUDA DOS OUTROS.

COMO SERIA O MUNDO SE NÃO NOS COMUNICÁSSEMOS?

PARTICIPAÇÃO: É USAR A CABEÇA COM VONTADE DE REALIZAR, COM EMOÇÃO. É NÃO SER INDIVIDUALISTA.

LIDERANÇA: LIDERAR É UM DIREITO DE TODOS. LIDERA QUEM NÃO SE CALA, QUANDO SENTE QUE PODE FAZER ALGUMA COISA PARA O GRUPO E PARA SI.

A FUNÇÃO DA LIDERANÇA É REALIZAR A TAREFA.

PARA ISTO O GRUPO PRECISA TER CLARO:

- 4) A TAREFA É UMA NECESSIDADE?
- 5) COMO FAZER A TAREFA?
- 6) OS PROBLEMAS ESTÃO SENDO RESOLVIDOS?

Referência Bibliográfica:

GAYOTTO, Maria Leonor e outros. Líder de Mudança e Grupo Operativo – Editora Vozes, Petrópolis, 1985

Anexo 7: Roteiro de observação – Como estava o grupo?

Questionário de Observação

COMO ESTAVA O GRUPO?

Para saber como o grupo funcionou, observe os seguintes aspectos:

- () Houve muita cordialidade ()
-)
- () Houve muita agressividade ()
-)
- () Os membros estavam apáticos e desinteressados ()
-)
- () Alguns membros dominaram a reunião ()
-)
- () Precisaram de auxílio ()
-)
- () Grande parte da conversação fugia do problema real ()
-)
- () Estavam realmente envolvidos com a tarefa ()
-)
- () Os membros se trataram com cortesia ()
-)
- () Havia muita irritação reprimida ()
-)
- () Trabalharam os nossos problemas interpessoais do momento ()
-)

Fonte:
 MOSCOVICI, Fela. **Desenvolvimento interpessoal: treinamento em grupo**. 13ª ed. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2003

Anexo 8: Roteiro do IV Encontro - SOMOS CIDADÃOS

I - Objetivos:

- Refletir sobre a construção da cidadania ativa
- Favorecer a compreensão da organização social
- Favorecer as interações grupais.

II - Métodos: Dramatização simbólica; técnicas auxiliares: atividades com objeto intermediário, debate em duplas e em grupos; música.

III – Etapas do CVPA:

Etapas	Descrição da Atividade	Recursos	Tempo
Aquecimento de chegada	Acolher os participantes – entregar a Ficha de Inscrição e o texto do encontro anterior.	Texto sobre grupos e ficha	10 min
Aquecimento para o tema	Conversar sobre o trabalho realizado no encontro passado – interações grupais e família ideal.		10 min
Aquecimento grupal	Apresentar o tema do encontro de hoje Caminhar pela sala observando as gravuras e manchetes afixadas nas paredes, lendo as frases, explorando as informações. Em círculo, convidar os participantes para	Gravuras e frases sobre situações de cidadania.	10 min
Atividade 1	observarem uns aos outros e buscar por uma dupla. Em duplas conversar sobre sua percepção a respeito da atividade anterior. Escrever uma	Papel em branco Pincéis	10 min

Atividade 2	<p>frase que sintetize a conversa e que tenha alguma relação com o que elas entendem por cidadania.</p> <p>Plenária</p> <p>Apresentar trechos de poemas/ músicas que fazem referência às necessidades e mobilizações sociais.</p> <p>Pedir que cada uma escolha qual dos trechos que mais chamou sua atenção e ficar perto.</p> <p>Aos subgrupos que se formaram, pedir que façam uma dramatização a nível simbólico para representar para o grupo o que a música escolhida significa.</p> <p>Apresentação</p>	<p>Trechos das músicas:</p> <p>Pacato cidadão</p> <p>Cidadão</p> <p>Alagados</p> <p>Girassol</p>	<p>15 min</p> <p>20 min</p> <p>20 min</p>
Compartilhar	Quais meus sentimentos e percepções sobre a vivência?		20 min
Processamento	Exposição dialogada sobre conceitos de cidadania, políticas públicas, representação social.	Lâminas	20 min
Conexão	Com o que posso contribuir para fortalecer minha participação cidadã?		
Total			2h 15 min

Anexo 9: Cidadania e controle social

CIDADANIA

⇒ CONCEITO RESTRITO:

- Reduzido à formalidade das leis
- Perspectiva do estado Democrático de Direito

⇒ CONCEITO AMPLO:

- “Direito de ter direitos”
- Direito de produzir novos direitos, reivindicá-los e obtê-los no dia a dia;
- Amplo processo pedagógico de formação e informação para a cidadania (mobilização social)

POLÍTICA

Ciência do governo dos povos; arte de governar um Estado e regular suas relações com outros.

PÚBLICA

Relacionada ao povo; que pertence ou se refere à massa geral dos habitantes de uma localidade; que serve para uso de todos.

CONTROLE SOCIAL

É a forma de participação popular na gestão das políticas públicas, acompanhando, fiscalizando, apontando correções de rumos, afirmando direções corretas na busca da inclusão, contribuindo efetivamente em todo o processo. É exercitado através dos conselhos, cuja efetividade depende de outras formas e forças políticas capazes de potencializar-lhes a ação.

Toda lei expressa uma política e encaminha uma forma de gestão. A versão final de uma lei é resultante do jogo de forças políticas. Política e gestão não podem ser analisadas separadamente, pois a segunda coloca em prática os objetivos da primeira. A CF/88 pressupõem a organização descentralizada e o comando único: sociedade civil + esferas governamentais.

Fonte:

FENAPAE. Legislação Comentada para Pessoas Portadoras de Deficiência e Sociedade Civil Organizada Brasília, 2001

Anexo 10: Letras das músicas

CIDADÃO (Composição: Lúcio Barbosa)

Ta vendo aquele colégio, moço? / Eu também trabalhei lá
 Lá eu quase me arrevento / fiz a massa, pus cimento / Ajudei a rebocar
 Minha filha inocente / veio pra mim toda contente:
 Pai, vou me matricular / Mas me diz um cidadão:
 Criança de pé no chão / Aqui não pode estudar
 Essa dor doeu mais forte / Nem sei porque deixei o norte
 Então me pus a dizer / Lá a seca castigava
 Mas o pouco que eu plantava / tinha direito a colher

ALAGADOS (Composição: Hebert Viana)

Todo dia / O sol da manhã vem e lhes desafia
 Traz do sonho pro mundo quem já não queria
 Palafitas, trapiches, farrapos / Filhos da mesma agonia
 E a cidade / Que tem braços abertos num cartão postal
 Com os punhos fechados na vida real / lhes nega oportunidades
 Mostra a face dura do mal
 Alagados, Trenchtown, Favela da Maré
 A esperança não vem do mar / nem das antenas de tevê
 A arte de viver da fé / Só não se sabe fé em quê

PACATO CIDADÃO (Composição: Samuel Rosa e Chico Amaral)

Ô pacato cidadão, te chamei a atenção / Não foi à toa, não
 C'est fini la utopia, mas a guerra todo dia / Dia a dia não
 E tracei a vida inteira planos tão incríveis / Tramo à luz do sol
 Apoiado em poesia e em tecnologia / Agora à luz do sol

Pacato cidadão / Ô pacato da civilização
 Pacato cidadão / Ô pacato da civilização

Anexo 11: Roteiro do V Encontro - ONDE ESTAMOS?

I - Objetivos:

- Favorecer o conhecimento da instituição: sua caracterização, sua missão, seus serviços, outros.
- Identificar as possibilidades de parceria família/ instituição.
- Favorecer as interações grupais.

II – Métodos: Atividade com objeto intermediário, atividades vitalizadoras, exposição dialogada

III – Etapas do CVPA:

Etapa	Descrição da Atividade	Recursos	Tempo
Aquecimento de chegada	Acolher os participantes		5 min
Aquecimento grupal	Apresentar o tema do encontro de hoje A teia – As pessoas ficam de pé, em círculo. Inicia-se jogando o novelo para um participante que diz para o grupo: o que sabe sobre a Apae prosseguir até chegar ao último participante. Depois, no movimento inverso cada uma diz o	Novelo de lã	20 min
Atividade	que gostaria de saber sobre a Apae. Colagem Coletiva Preparar dois “cantos” com o material para colagem. Formar dois grupos. Pensar no trabalho que a Apae faz com as famílias: o que é feito? Quem faz? Quem	Papel Kraft Revistas Cola Pincéis	20 min

	participa? Como é a adesão das famílias? O que mais poderia ser feito? A) Fazer uma colagem sobre o trabalho real que a Apae faz com as famílias. B)Fazer uma colagem sobre o trabalho ideal que a Apae poderia fazer com as famílias. Plenária		10 min
Compartilhar	Quais meus sentimentos e percepções sobre a vivência?		20 min
Atividade vitalizadora	Água, Terra e Ar		5 min
Processamento	Exposição sobre as concepções filosóficas existentes nas Apaes. Relacionar com a tarefa desenvolvida.	Lâminas	35 min
Conexão	Em duplas, refletir e escrever: O que podemos fazer para aproximar o trabalho feito com as famílias com as orientações da Federação das Apaes? Apresentar e guardar para o próximo encontro.	Papel e caneta	10 min
Total			2 horas

Anexo 12: Roteiro do VI Encontro - PARA ONDE VAMOS?

I - Objetivos:

- Verificar a evolução do conceito de participação da família
- Elaborar Plano de Ação para parceria família/ instituição
- Avaliar a participação dos participantes no curso
- Favorecer as interações grupais.

II – Métodos: Sociodrama, grupos de trabalho

III – Etapas do CVPA:

Etapa	Descrição da Atividade	Recursos	Tempo
Aquecimento de chegada	Relaxamento: Convidar a todas que tomem uma posição confortável. Ouçam a música, sintam sua respiração. Ouçam a retrospectiva do Curso... (anexo)	Som CD com música instrumental	10 min
Aquecimento grupal	A cadeira no centro: Imaginem que esta cadeira é a APAE, o que você tem para falar com ela? Fale... Solte pra fora tudo que você sempre quis dizer! BEM INTENSO, RÁPIDO... Propor que todas sejam a instituição que fala.	Cadeira Almofada	50 min
Compartilhar	Quais são meus sentimentos em relação a experiência que vivi agora? Quais são minhas sensações?		20 min
Processamento	Fazer uma análise crítica considerando a evolução da participação do grupo: houve mudança? Mudança de pensamento? De atitudes? Quais? As sugestões foram muito tradicionais, passivas, autoritárias... Como garantir a participação efetiva das famílias?		15 min

Anexo 13: Roteiro para Aquecimento Interno

Visualizar o primeiro dia quando nos reunimos para saber do que se tratava o Curso: Eu, Minha Família e a APAE: compromisso de multiplicar o conhecimento, de participar dando opiniões, envolvendo com as tarefas, colaborar para o crescimento do grupo, aceitar ajuda para avançar...

No segundo encontro foi feita a apresentação das participantes pelos filhos. Como foi diferente! Sentar numa cadeira e fazer minha apresentação como se fosse meu filho/irmão...

Lembrar de como chegamos à APAE: quantas dúvidas... receios... angústias... medo... solidão... Quem me apóia? Cadê minha família? O que me disseram sobre as possibilidades do meu filho? Como fomos recebidos na APAE? Fizemos uma vivência... refletimos: como é ser mãe, irmã de pessoa com deficiência? E o pai? Onde fica? Com quem posso contar?

No terceiro encontro aprofundamos sobre os papéis familiares? Que família é essa que só aparece a mãe? Pessoa com deficiência em casa é responsabilidade só de uma? A mãe pede ajuda? Deixa outros entrarem na relação com o filho? Vendo-se só, assume com coragem a tarefa de cuidar, cuidar do filho... E a mulher, onde fica?

Neste dia falamos também dos grupos, como funcionam... quais elementos são importantes... no grupo familiar é a mesma coisa: é preciso comunicação, liderança compartilhada, objetivo em comum...

No quarto encontro refletimos sobre nossa condição de cidadãos num país que as necessidades são muitas... Como podemos dar nossa opinião? O que podemos fazer para melhorar a realidade que vivo? E a APAE, é uma associação de defesa de direitos? Como que é isso? Posso falar? Quando? Aonde? Minha opinião pode mudar os rumos do atendimento do meu filho? Aqui posso exercitar minha cidadania? Como mostrar isso através da dramatização?

No último encontro, conhecemos melhor a APAE: como vê a pessoa com deficiência, como se organiza, quais serviços oferece, o que falta... Como deve se organizar para transformar a vida dos seus clientes? Como garantir a participação da família?

Hoje, estamos aqui para finalizar essa etapa do trabalho: o Curso... o que podemos contribuir para melhorar a parceria família/ APAE?

Anexo 14: Síntese das necessidades levantadas pela grupo

O QUE PODEMOS FAZER PARA QUE AS AÇÕES DA APAE-PL EM RELAÇÃO ÀS FAMÍLIAS, SE APROXIMEM DAS ORIENTAÇÕES DO MOVIMENTO APAEANO?

- Reunião com os pais, prefeitos, vereadores, empresários, comunidade para divulgar, procurar entender como é a APAE. Usar rádio, jornais...
- Ser mais exigente com os pais, dar mais atividades e exigir responsabilidade, mais empenho... e oportunidades.
- Ter mais reunião com os pais.
- Visitar outras APAEs.
- Ter mais palestras com profissionais e pais relacionadas às diferentes questões que envolvem as deficiências e suas famílias.
- Conscientizar a família com as coisas da APAE. A família tem que ter mais participação, mais compromisso, responsabilidade, atenção, respeito e empenho com a APAE.

- Promover encontros de confraternização na APAE para que as famílias se conheçam e troquem suas experiências de vida.

**Anexo 15: PLANO DE AÇÃO PARA IMPLEMENTAR A PARCERIA APAE/ FAMILIA
- PROPOSTA**

O QUE (Dificuldades Apontadas)	POR QUE	COMO	QUEM	QUANDO
Relacionamento 1-sinceridade 2-amizade 3-calor humano	1- Para favorecer que os pais tenham melhor compreensão do diagnóstico dos filhos; e que sejam respeitados e acolhidos em seus sentimentos. 2- Favorecer melhor compreensão do que si quer. 3- Acolher aquelas que estão chegando e também as que estão em momentos difíceis da vida. 4- Para envolver os demais membros da família.	Ampliar os espaços de escuta dos pais: <ul style="list-style-type: none"> ○ reuniões para este fim; ○ grupos de psicoterapia; atendimentos aos pais;		

<p>Ações Pedagógicas</p> <p>1- Atividades sociais e de lazer</p> <p>2- Piscina</p>	<p>1- Para aproveitar os momentos sociais e de lazer como recursos para melhorar as condições de aprendizagem dos alunos.</p> <p>- Para aprimorar as metodologias de trabalho escolar com os alunos.</p> <p>- Para "esgotar" as possibilidades escolares desde a infância.</p> <p>2- Para resgatar uma atividade que além de recreativa, é comum nos espaços sociais e também enquanto recurso de reabilitação.</p>	<p>1- Melhorar a compreensão dos programas e objetivos escolares definidos para os filhos - participação na elaboração do PDI.</p> <p>- Time de futsal para competição interna e externa.</p> <p>- Hora dançante com participação da comunidade.</p> <p>- Atividades na Feira de Artesanato de PL: apresentações do Coral, Danças, etc.</p> <p>2- Buscar parceria para restaurar, cobrir e aquecer a piscina.</p>		
<p>Atendimentos médicos</p> <p>○ Neurologista</p> <p>○ Pediatra</p> <p>○ Psiquiatra</p>	<p>Porque com os atendimentos médicos na APAE, fica mais fácil fazer o acompanhamento e alivia a mãe que não precisará ir a mais um lugar.</p>	<p>Buscar por médicos solidários que venham uma vez por semana.</p>		
<p>Parceria com a Família</p> <p>○ Cursos</p> <p>○ Aula de natação</p>	<p>1- Para melhorar a capacidade da família/ mãe em gerar renda para a família.</p> <p>- Para informar sobre temas atuais e relacionados as fases da vida dos filhos.</p> <p>- Para melhorar o auto-conhecimento e das relações interpessoais, inclusive na família.</p> <p>- Porque são boas formas de ocupar o tempo.</p> <p>2- Para oferecer algum espaço de lazer e de cuidado com a saúde.</p>	<p>1- Buscar profissionais dentro da família que possam ser voluntários na APAE.</p> <p>- Buscar pessoas qualificadas disponíveis ao voluntariado.</p> <p>2- Ter uma piscina adequada e um profissional competente.</p>		

<p>Melhorar a participação das famílias na Diretoria</p>	<p>Porque as mães que estão na Diretoria não se sentem ouvidas. Porque as mães que não estão na Diretoria não se sentem representadas. Para fortalecer o sentimento de pertencimento à instituição.</p>	<p>Estabelecer critérios para indicação dos familiares que irão compor a chapa da Diretoria. Criar espaços de escuta e de sugestões. Capacitar para o exercício da representação. Encorajar a participação.</p>		
-----------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--	--